

---

*Oduvaldo Vianna*

Coleção Vianninha Digital

[ Versão para impressão ]

Volume 8

Moço em  
Estado de Sítio

Oduvaldo Vianna Filho

---

Coleção Vianninha Digital  
Volume 8:  
*Moço em Estado de Sítio*  
VIANNA FILHO, Oduvaldo, 1936–1974

Versão para eBook  
Carolina Godinho / Diego Molina / Peter Boos

Fonte  
Digitalização do acervo particular de Maria Lúcia Vianna.  
Diagramação adaptada aos formatos de eBook disponíveis.

Versão para impressão.  
© 2007 — Oduvaldo Vianna Filho

# Moço em Estado de Sítio

Oduvaldo Vianna Filho

---

## PERSONAGENS

LÚCIO  
LÚCIA  
CRISTÓVÃO  
COTA  
JEAN-LUC  
SUZANA  
BAHIA  
NÍVEA  
BANDEIRA  
ESTELITA

GALHARDO  
NOEMIA  
ETCHEVARRIETA  
VELHO  
VELHA  
SUJEITO  
MENINO  
UM  
DOIS  
TRÊS

## PRIMEIRA PARTE

*Bahia, com macacão de operário, abraçado com Suzana. Os dois tensos.*

BAHIA - Eu tenho de ir embora...

SUZANA - Não dá mais, Miro. Eles estão aí, estão aí... (*Bahia tenta dar um passo. Entram mais seis ou sete operários. Lúcio entre eles*) Não... (*Dirigindo-se a um deles*) ...Ó, Zé Jorge, não... Miro não fez nada não.

UM - Delatou Otoniel. Otoniel foi preso. Não adiantou delatar que a greve saiu mas ele alcaguetou.

SUZANA - Não... não foi o Miro... (*Os outros avançam, Um dá uma pancada em Bahia. Suzana procura intervir*) Não! Covarde... deixa o Miro... Não... (*Dão pancada em Bahia. Bahia caído, semi-desfalecido*)

UM - É melhor mudar com ele pra o mais longe que tiver daqui. (*Suzana vai falar*) Razão ele pode ter. Sem dinheiro, apertado na polícia, na fábrica. Pode estar assim de razão. Mas são as dele. Não são as da gente. (*Saem. Luz esmorece. Ruído de palmas — gritos — “Delator! Delator!”.* *A luz esmorece. Abre*)

*Os atores sentados. Tiram o macacão. Guardam coisas. Lúcio no meio.*

VOZES - Viu uma mulher na primeira fila? Gritava delator veado! Delator veado! (*Risos*) Quase subiu no palco!

SUZANA - Olha aí... olha aí... (*Lê respostas num papel*) Gostou do espetáculo? Sim. Já tinha visto teatro? Nunca. Miro mereceu apanhar? Sim. Eu batia mais. Arlinda Silva. Tecelã.

UM - (*Lendo outra*) Não merecia. Delatou mas não tinha outro jeito... não sei o que Ramos. Pedreiro.

VOZES - Muita gente acha que ele não devia apanhar. — Operário é um cara muito pequeno-burguês, viu? — Vamos desmontar os refletores, gente, o último ônibus pra cidade é meia-noite. — Voltar de ônibus de novo! Pô!

*Saem. Lúcio também. Suzana arruma os macacões. Bahia entra.*

BAHIA - Já estou aqui com essa história de companheiro, companheiro.

SUZANA - Que foi?

BAHIA - Eles não têm dinheiro para pagar a gente. Que gastaram muito em propaganda do bairro, deram entrada de graça. Bom, não pagaram. Que daqui a um mês, sei lá. Entende, companheiro, é difícil trazer as massas pro teatro. Difícil os cambau. Eles quase vomitam de tanto gostar. Esses caras pensam que massa foi feita só pra fazer revolução.

Ah, meu saco. Briguei com eles. A gente não vem mais aqui. (*Lúcio entrou. Fica parado. Uma lâmpada na mão*)

- SUZANA - Pô, só de madeira a gente deve uns cinqüenta contos... (*Mostra os papéis*) Gostaram da tua peça... a maioria acha que não deviam bater no Miro... (*Suzana abraça Bahia. Beija seu rosto. Percebe Lúcio. Tempo*)
- LÚCIO - Queimou mais uma lâmpada.
- BAHIA - É. (*Tempo*) Precisa ensaiar a cena final de novo. Vocês estão batendo como se fosse uma obrigação; não é, é um prazer. (*Vai saindo*)
- LÚCIO - Me arruma um dinheiro?
- BAHIA - Não dá.
- LÚCIO - Três mil réis.
- BAHIA - Não dá. Eles não pagaram. (*Bahia sai. Lúcio parado. Suzana arruma*)
- LÚCIO - Então por que fez o espetáculo, hein? (*Tempo*) A filosofia qual é? Sem dinheiro, se mete em subúrbio, faz o espetáculo, não volta mais — se voltar é daqui um ano... a filosofia qual é, Suzana?
- SUZANA - Bahia brigou com eles.
- LÚCIO - Bahia escreveu a peça, Bahia dirigiu, Bahia brigou com eles, Bahia não me perguntou, Bahia é um Estado. Bahia. (*Tempo*)
- SUZANA - Você não vai nas reuniões, Lúcio. Fala lá. Vocês não ia trazer um plano pra levantar dinheiro?
- LÚCIO - Dinheiro pra montar uma peça que prova que delatar é coisa feia? Isso, acho que tem gente dizendo desde que um tal de Judas... Judas, um palestino, lembra dele? (*Silêncio*) Tem é que concentrar num bairro. Só lá, Suzana. Fazer um clube, uma associação com o povo, não sei o que... mas não sair de lá...
- SUZANA - Isso custa dinheiro, Lúcio. Você mesmo disse isso na última reunião que foi... Disse que o melhor mesmo era fazer o que a gente está fazendo — levar as peças nos bairros, ganhar apoio, depois fazer um teatro...
- LÚCIO - Disse sim, não é? ... Pra ver como sou contraditório... (*Tempo. Lúcio beija Suzana. Suzana se afasta. Tempo*) Meu pai, quando tinha vinte anos, foi repórter. Deu um furo: que o Rodrigues Alves, eleito presidente, estava morrendo. A família não queria que ninguém soubesse até ele tomar posse... fez essa reportagem, nunca mais fez nada... volta e meia ele conta essa história... a gente, volta e meia, vai contar que fazia teatro no subúrbio... (*Ficam parados. Suzana arruma. A luz esmorece; abre*)

*Pai de Lúcio, Cristóvão, Cota, sua mãe e Lúcia, sua irmã.*

- CRISTÓVÃO - Já disse que não quero que você dê mais dinheiro pro Lúcio!
- COTA - É um empréstimo, Crist...
- CRISTÓVÃO - Tem vinte e quatro anos, tem de se sustentar! Ontem, pediu dinheiro emprestado para o porteiro do prédio!

- LÚCIO - Um empréstimo. Um empréstimo. Já expliquei, comecei a fazer crítica de cinema pra uma revista. Vou ganhar dinheiro. O grupo vai levar uma peça minha.
- CRISTÓVÃO - Faz três anos que ele diz isso, Cota! Três anos!
- COTA - O porteiro é muito amigo de Lúcio, e...
- CRISTÓVÃO - Eu falei com Etchevarrieta Guimarães. Ele está guardando uma vaga pra você no escritório dele (*Silêncio*) Ele não quer ir? (*A Cota. Lúcia*) Ele não quer ir?
- LÚCIO - Não gosto de Direito, pai.
- CRISTÓVÃO - Não gosta de Direito? Não gosta de justiça?
- LÚCIO - Advocacia, pai.
- CRISTÓVÃO - Mas ele se formou advogado, Cota! Posso fazer o quê? Quis arranjar pra ele um lugar de interino lá no Ministério. “Não, funcionário público não”. Agora não quer se advogado! Qual é a sua profissão? Ser meu filho? Os dois o dia inteiro metidos num bar mudando o mundo. Não! Está bom. Não quer me dar satisfação, está bem. Mas a tranqüilidade de sua mãe que passa as noites chorando, não! (*Silêncio*) Tinha vinte anos. Fiz uma reportagem sobre Rodrigues Alves. Me pagaram trinta mil réis... e a República Velha quase ia terminada... heroísmo mal pago... (*Silêncio*)
- COTA - Quer um copo de leite? (*Lúcio faz que não*) Não quer...? Uma laranjada, prefere?... Tem uma pedra de gelo. (*Silêncio*) Um minuto, eu espremo... (*Agora à Lúcia. Tempo*) Quer leite? (*Lúcia faz que não*) Está tão magra, filha. Batido no liquidificar, com canela... (*Tempo*) Quase nada de canela... (*Tempo*) Lúcia está tão abatida, não acha?
- CRISTÓVÃO - Olha a hora, Cota, acende a televisão. (*Cota acende*) Não roda o botão pra cá, Cota. Pra lá. Não, pra lá... assim... (*Acende um foco de luz. Cota senta-se ao lado do marido. Os dois olhando*)

*A luz esmorece. Abre em Lúcio deitado numa cama. Olha o teto.*

- LÚCIO - Lúcio Paulo Bastos Seabra... Lúcio Paulo Bastos Seabra... (*Longo tempo. Lúcia aparece. Olha o irmão em tempo grande*)
- LÚCIA - Como vai o grupo? (*Silêncio*) E a Suzana? (*Silêncio*) Sabe quanto fez hoje em Bangu? Quarenta graus e dois décimos... (*Silêncio*) Lúcio... eu estou grávida... (*Silêncio. Lúcio olha*) É do Estelita. (*Silêncio*) Você acha que eu devo ter um filho? (*Lúcio. Tempo. Faz que não sabe. Lúcia fica um pouco; sai; Lúcio de olho pregado no teto*)

*A luz esmorece. Abre numa mesa de bar. Estão Jean-Luc, Estelita abraçado com Lúcia. Um tabuleiro de xadrez na mesa. Bebem chope, Lúcio e Estelita discutem.*

- OS DOIS - Vocês quer tirar o direito do homem de contemplar! — Contemplação não existe! Contemplação!... — É a maior conquista do homem, não existe! — Contemplação é o anti-homem! O anti!
- ESTELITA - Mistificadores, vocês são! Atrás desse Bahia que é um mistificador e

- um mistificado!
- LÚCIO - Olha aí, Estelita, olha aí, o Bahia é uma pessoa, eu sou outra. Ele é sagitário, eu sou gêmeos. Estamos no mesmo grupo, mas...
- ESTELITA - Aqui nessa mesa, Lúcio Paulo, aqui mesmo você disse que essa peça do Bahia era a maior obra do teatro brasileiro, quiçá universal.
- LÚCIO - Jamais de la vie! Nunca disse isso! Eu quero fazer teatro político, não é aquela gemedeira do Bahia, não!
- JEAN-LUC - Entendeu? O Bahia é um equivocado, ele, não.
- LÚCIO - Teve alguma graça, Jean-Luc. Teatro é...
- ESTELITA - O que é que esse Bahia quer? Ir pro céu? Ele não é materialista?
- JEAN-LUC - Não dá pra falar mal de outro, não? Já faz meia hora que vocês não concordam em nada mas picham esse Bahia. Fala mal de outro, só de recreio.
- ESTELITA - Eu tenho de dizer que está bom o assunto desse Bahia porque ele vai no subúrbio com o Lúcio Paulo, acordam às sete da manhã? O programa do Tônico e Tinoco também é às sete da manhã.
- Jena-Luc - Bem, boa. Vamos falar mal do Tônico e Tinoco agora.
- ESTELITA - Teatro político não existe! Política é circunstância, meu Deus! Teatro é sobre as eternidades que nós, os gregos, os troianos, os dominicanos, botafoguenses, é a mesma coisa.
- LÚCIO - Nós somos a circunstância, atenção, nós somos passagem. A eternidade é hoje, é agora. Só que o Bahia acha que o homem é uma emoção. E o homem é uma consciência. Uma consciência!
- JEAN-LUC - Pô, o Tônico e Tinoco, vai...
- LÚCIA - Ele diz isso, mas quando o Bahia telefona pra casa, ele sai do banho pra atender. *(Risos)*
- LÚCIO - Não enche meu saco, Lúcia.
- JEAN-LUC - Meu Deus, até que enfim uma briga com os dois presentes.
- LÚCIA - Está aporrinhado porque o Bahia não anda querendo levar a peça dele.
- LÚCIO - Ah, Lúcia, ah, você tem dor de corno que o Bahia não quis nada contigo, não vem pra mim não. *(Silêncio)*
- JEAN-LUC - Viu? Briga com os dois presentes não dá mais que três quatro frases. Tônico e Tinoco, vai... *(Um pouco de silêncio)*
- LÚCIA - Querem fechar o bar. *(Silêncio)* O mais difícil é fazer o que a gente fala... combinar os dois. Ninguém sabe o número do colarinho. *(Tempo. Jogam xadrez)*
- LÚCIO - Segui-me os devoradores de insônia. Para cima. A cabeça em chama... Maiakoviski. *(Tempo)* Iluminar sempre. Iluminar tudo é a minha palavra de ordem. E a do sol. Maiakoviski... *(Tempo)*
- ESTELITA - Onde você comprou essa camisa?
- LÚCIO - Mandei fazer. Vinte e dois mil. Emprestado do porteiro. *(Sorrisos.)*

*Jogam. A luz esmorece. Um foco de luz em Estelita e Lúcia)*

- ESTELITA - Tem certeza? (*Faz que sim. Tempo*)
- LÚCIA - Acho que vou ter ele... (*Silêncio*) Vou cuidar dele sozinha...
- ESTELITA - Está falando sério? (*Lúcia faz que não sabe. Ri*) Hein?
- LÚCIA - Não sei. Que foi?
- ESTELITA - Olha essa luz da madrugada... parece que está me invadindo... Parece que estou nascendo... Puxa, como se eu e ela fosse mesmo uma coisa só... às vezes eu consigo ficar uma coisa só...
- LÚCIA - Eu também, sabe... Teve um dia, não sentia meu corpo... como se eu estivesse do outro lado... (*Sorriem. Se beijam. Ficam olhando*)

*A luz esmorece. Abre em Lúcio. Olho no teto. Tempo longo. Cota aparece de camisola. Olha Lúcio longo tempo. Vai sair.*

- LÚCIO - Mãe. (*Tempo*) Podia me arranjar uns cinco contos? Preciso comprar um livro pra minha peça. (*Tempo*) Minha peça acho que está boa, sabe? Faltava uma faísca nela... acho que agora... me arranja?
- COTA - E se seu pai acordar? (*Os dois se olham. Riem. Cota sai. Um tempo. Volta. Silenciosa. Entrega o dinheiro. Os dois riem muito*)
- LÚCIO - Sempre eu digo que é a última vez, não é? (*Cota sorri*) Mutter.
- COTA - Vê se dorme. É tarde. (*Lúcio faz que sim. Cota sai. Lúcio cantarola o Trenzinho Caipira de Villa Lobos. Cota fica parada. Um semi-sorriso estático nos lábios. Ouve. A luz esmorece*)

*Suzana entra vestida com macacão. Contracena com Bahia.*

- SUZANA - Você passou três anos pra poder ser operário especializado, Miro. Se tiver essa greve já disseram que quem entrou na fábrica faz seis meses vai pra rua. Você não tem nada com a greve. A polícia diz que é você porque seu tio é do sindicato. Vai lá, explica tudo, Miro, vai lá.
- BAHIA - Não sei, não sei... (*Suzana sai de cena. A luz morre em Bahia. Lúcio vestido de macacão, outros figurantes por ali, de fora, vêm vozes da representação*)
- SUZANA - (*Mancando*) Tem uma tábua solta no palco, merda... (*Lúcio se ajoelha, vê o ferimento. Pega na perna de Suzana. Tempo*) Não está na hora de você entrar?
- LÚCIO - Falta ainda. (*Tempo*) Está saindo sangue. Dói? (*Tempo. Suzana quer tirar a perna*) Por que você fica com o Bahia? Quem gosta de você sou eu, ele não... ontem ele saiu com a Laura. Sai com a minha irmã. (*Sorriem. Silêncio*) O Bahia te falou da minha peça?
- SUZANA - Falou. Ele não gosta.
- LÚCIO - Por quê? (*Suzana faz que não sabe. Lúcio fica parado. Abatido*)
- UM - (*Vem rápido*) Ei, Lúcio, está na tua hora. Já passou. Vai.
- LÚCIO - (*Sai correndo*) Ei, pessoal! Pessoal! A seção de montagem está fechada com a gente! Greve!

*Escurece. Cristóvão no telefone. Um jornal na mão. Cota ao lado dele. Lúcia num canto parada. Uma revista no colo.*

CRISTÓVÃO - Dr. Silvio Rabelo? Bom dia, doutor. Estou telefonando para cumprimentá-lo pelo seu aniversário. Está falando Cristóvão Paulo Bastos Seabra. Bastos Seabra. Chefe da seção de orçamento da Divisão de Material do Ministério do Trabalho. Obrigado. Parabéns, doutor. *(Desliga. Olha o jornal)* Antônio Gama, Rui Batista, Silvio Rabelo. *(Discá)* Dr. Dagmar de Montemar, sim? *(Tempo)* Doutor Dagmar? Estou telefonando para transmitir meus pêsames pelo falecimento da senhora sua mãe. Está falando Cristóvão Paulo Bastos Seabra... alô, alô... *(Desliga. Vê o jornal)* Aniversário, falecimentos, conferências... mais nada... *(Começa a discar)* Lúcio já acordou?

COTA - Ele chegou tarde.

CRISTÓVÃO - *(No fone)* Dr. Etchevarrieta Guimarães, sim? *(Olha o relógio)* Meio dia e vinte e dois. *(No fone)* Dr. Etchevarrieta? Cristóvão Paulo. Olhe, doutor, já encaminhei o processo da concorrência. Vocês devem ganhar... que é legal, é legal... como vai indo o Lúcio Paulo no seu escritório, doutor?... Não foi?... Mas ele me prometeu que... não, não... estou fazendo confusão... é esta semana que ele vai... é... ele me avisou, eu esqueci, desculpe, que cabeça... esta semana sem falta. Guarde a vaga, o rapaz está entusiasmado... obrigado. Muito obrigado. *(Para com o fone ainda no ar. Desliga)*

COTA - *(Arruma coisas)* É melhor você levar capa e guarda-chuva. A meteorologia disse que vai haver pancadas no fim do período. *(Cristóvão não responde. Silêncio. Os três parados um tempo grande. Lúcio entra. Acordou agora)*

LÚCIO - Que horas são?

COTA - Meio-dia.

LÚCIO - Ah, mãe, ah, não pedi pra me acordar às dez horas? Tinha de ir numa reunião. Tinha de ir.

COTA - Eu chamei, chamei e...

LÚCIO - Mas eu tinha de ir, tinha de ir... não me dá o despertador e...

CRISTÓVÃO - Bom dia. *(Silêncio)* Como vai indo lá no escritório do Etchevarrieta?

LÚCIO - Mais ou menos.

CRISTÓVÃO - Você não foi lá.

LÚCIO - Fui.

CRISTÓVÃO - Não foi.

LÚCIO - Fui.

CRISTÓVÃO - Falei com o Etchevarrieta agora.

LÚCIO - Eu fui, se ele não tem memória...

CRISTÓVÃO - Quase um mês guardando uma vaga, menino, e você... que vergonha, que vergo...

- LÚCIO - O senhor quer conseguir um favor do moço, consegue, pai, mas não precisa me pôr no meio...
- CRISTÓVÃO - Favor?... Que fa... Você ouviu?
- COTA - Olha a sua hora, Cristo.
- CRISTÓVÃO - Tenho cinqüenta e sete anos e nunca pedi favor a ninguém. Com dezessete anos recebi ameaças de morte porque denunciei pelos jornais que o Rodrigues Alves estava morrendo e...
- LÚCIO - Chega, pai, eu vou lá, eu vou...
- CRISTÓVÃO - Chega, não! Chega, não, moço...
- COTA - Vinte pra uma, Cristo, vinte...
- CRISTÓVÃO - Tem que dizer bom dia, tem que dizer bom dia.
- LÚCIO - Buenos dias, pode dizer em espanhol? Buenos dias, buenos...
- CRISTÓVÃO - Na minha casa se diz bom dia e se trabalha, se tra...
- LÚCIO - Que trabalha? Trabalha no quê? No que se trabalha aqui?
- CRISTÓVÃO - Lúcio Paulo, eu...
- LÚCIO - Eu vou trabalhar. Trabalhar, não vou só ganhar dinheiro. Não sou papa níquel do mundo.
- CRISTÓVÃO - O que é isso? O que é...
- LÚCIO - Ninguém vai enfiar moeda no meu nariz, não. Não vou ser pago pra não incomodar ninguém, fechado dentro de casa, lembrando a única vez que a minha vida foi ameaçada. *(Lúcio sai. Silêncio longo. Lúcia vem até o pai com a revista)*
- LÚCIA - Olhe, pai, aqui. É um artigo dele. A revista que ele falou. É crítica de cinema.
- CRISTÓVÃO - *(Um longo tempo. Resolve tomar conhecimento. Lê)* Enquete é galicismo... chance também... *(A Lúcia)* Compra mais uma. Vou mandar pra seu tio... *(Lúcia sai. Silêncio. Cristóvão parado)*

*Escurece. Noemia aparece. De toalha de banho. Não deixa Lúcio entrar.*

- NOEMIA - Não quero mais ficar com você, Lúcio, não...
- LÚCIO - Vai, Noemia, deixa disso...
- NOEMIA - Não quero! Não quero! *(Lúcio entra)* Sai daqui. Você sempre diz te amo, amanhã telefono e some. Minha casa não é bordel. Vai em...
- LÚCIO - Não faz assim, Noemia. Não faz assim que...
- NOEMIA - Virou minha cabeça. Já vivia sem esperança. Sossegada. Pra que você faz isso comigo? Por que não arranja outra mulher? Porque eu sempre, sempre...
- LÚCIO - Não fale assim de você, Noemia, não...
- NOEMIA - Só vem aqui de porre ou de saco cheio e fala bonito e fala e oi, oi... não acreditava que alguém pudesse ser assim tão fácil... tão exagerado... príncipe a gente só agüenta ser cinco minutos. Dizer coisa que não

- sente só pra...
- LÚCIO - Estou escrevendo numa revista, tem o teatro, me chamam pra tudo, uma peça minha... não posso largar... te telefonei...
- NOEMIA - Telefonou.
- LÚCIO - Não quero que você nunca fale assim... está bonita.
- NOEMIA - Telefonou... não saio daqui. Enterrada aqui dentro.
- LÚCIO - Gosto assim mais, sem pintura... o rosto fica mais magro.
- NOEMIA - Emagreci... (*Sorri. Lúcio sorri. Beija Noemia*) Fui trabalhar... arranjei um emprego, sabe? (*Lúcio beija Noemia*) Juro que prefiro até sair de noite com homem, Lúcio. Emprego é pior, me seguram e roçam e olham minha perna. Deixa eu contar. Tinha o seu Amadeu, me botou no carro dele e começou a me passar a mão. — guiando — eu dizia, cuidado, seu Amadeu, olha o trânsito que essa hora é difícil. Ouve, Lúcio... está com o rosto quente, meu amor. Não desci do meio da rua porque ele é um senhor de idade, não é? Fico em casa. Ouço solo de violoncello. Gosta de cello? Vem morar aqui?... (*Ele beija, faz que sim*) Não quer. Só me quer pra... por quê? Por que eu sou espírita? É por isso? Mas eu sou a favor dos pobres. (*Ele beija. Ela beija, beija*) Vem morar comigo, Lúcio.
- LÚCIO - Venho.
- NOEMIA - Quando?
- LÚCIO - Logo. Juro, juro. (*Se beijam. Um tempo enorme. Lúcio se desliga. Fica sozinho deitado. Noemia sai. Lúcio cheira lança-perfume. Jean-Luc entra. Senta no chão. Cheira lança também*) Me dá um aparte? Um aparte, companheiro. Tem que pedir apartes, Jean-Luc. Aí demora, aí é a sua vez...você fala mas você não explica direito... aí um diz — companheiro, que oportunismo! Aí, você não pode mais responder que não é mais sua vez... Um aparte! Quero um aparte, pelo amor de Deus! Então a gente aprende a não arriscar, a não dizer nada inteligente, a... e eis-nos, recém chegados, em plena mediocridade no mar...
- JEAN-LUC - Desiste, rapaz. Você é covarde de mais para desistir.
- LÚCIO - Demorou duas reuniões pra saber se fazia questionário em papel jornal ou em papel couché... um aparte — papel jornal não atrai a massa. Um aparte — acho mais justo papel couché? Não é mais justo papel couché, Jean-Luc? Então... toma o poder, povo. Toma o poder. Precisa resolver logo, Jean, se não eu entrego os pontos; acredito menos, menos...
- JEAN-LUC - Entrego os pontos, sim. Fique sozinho, mordaz. Mordacidade. Torne-se um sibilino.
- LÚCIO - Sábado fiquei em casa pra não ir no cinema sozinho, pra não sentar num bar sozinho...
- JEAN-LUC - Desiste antes que seja tarde... antes da indignidade...
- LÚCIO - Bahia não gosta da minha peça porque ela é fria... uma lâmina.. Um estilete. (*Silêncio*) Você acha que eu estou no grupo só por causa da

Suzana? Discuto, me mordo, subo em caminhão, vai ver é só por causa da Suzana. Serei tão pulha assim? (*Tempo*) E de você? Por que não fala de você?... Nem pra isso tem mais coragem, não é? (*Silêncio. Cheiram o lenço. A luz esmorece. Cristóvão e Cota entram. Sentam-se em silêncio. Tempo*)

CRISTÓVÃO - Que horas são? (*Cota não responde*) Pare de chorar... o que é que você disse aos vizinhos? Que o Lúcio viajou? (*Cota faz que sim*) O botão da minha camisa despregou hoje no escritório. Pus o botão no bolso de chaves da calça, a listrada... (*Silêncio longo. Cristóvão pega o jornal*) Meu Deus, hoje era a missa de sétimo dia da avó do diretor da Caixa... nem tinha lido o jornal...

*Escurece. Suzana aparece vestida de dormir. Uma campainha toca com insistência. Suzana acende uma luz baça. Põe a cara.*

SUZANA - Que é?... Quem é?... (*Lúcio aparece. Jean-Luc mais atrás*) Lúcio...? Que foi?... Você sumiu, ontem teve espetáculo... são três horas da manhã...

LÚCIO - Vem cá.

SUZANA - Que você tem?

LÚCIO - Vem cá, por favor.

SUZANA - Mas que foi... (*Lúcio segura Suzana*) Que é isso? (*Suzana procura se desprender*) Me deixa, Lúcio! (*Lúcio beija Suzana*) Sai. (*Dá-lhe um tapa. Lúcio agarra com mais força*) Sai, seu... sai... (*Jean-Luc sentado, fuma cachimbo. Lúcio beija Suzana. Passa a mão no peito de Suzana. Beija seu peito. Suzana consegue se desvencilhar. Entra. Lúcio fica parado feliz. Escurece. Abre em Cota e Cristóvão*)

CRISTÓVÃO - O que é que eu vou dizer ao Dr. Etchevarrieta? Não tenho coragem de telefonar...

COTA - Diz que o Lúcio está doente.

CRISTÓVÃO - Não. Mentiras, não... doente de quê?

COTA - Não sei...

CRISTÓVÃO - Ele não está doente, está?

COTA - Não. Graças a Deus.

CRISTÓVÃO - É. (*Silêncio. Lúcia entra*)

LÚCIA - O Estelita viu ele terça-feira. O Rogério encontrou com ele antes de ontem. Ninguém sabe dele mais. Acho bom telefonar para o distrito. Ele tava sem dinheiro.

CRISTÓVÃO - Não, distrito não...

LÚCIA - Vai ver ele foi atropelado, foi roubado...

CRISTÓVÃO - Distrito, não! (*Silêncio*)

*Acende uma luz em Lúcio e Jean-Luc. Comem pão com queijo. Ruído de rua. Um homem idoso está parado num ponto de ônibus.*

- JEAN-LUC - Bom dia.  
 VELHO - Bom dia.  
 JEAN-LUC - O senhor já vai trabalhar? (*O velho meio sorri*) O senhor trabalha aonde?  
 VELHO - No Correio.  
 LÚCIO - O senhor é estafeta?  
 VELHO - Como?  
 LÚCIO - O senhor abre as cartas e lê? (*O velho vira as costas*) Tem sacanagem à beça, não tem? (*O velho se afasta*)  
 VELHO - Mal educado.  
 LÚCIO - Ei seu estafeta! Quero pôr uma carta no Correio. Ei, seu estafeta. Vou pôr um selo na carta comigo nu! Virado de bunda! Não fica bem? Um selo comigo nu virado de bunda? (*Escurece*)

*Abre em Cristóvão. Xícara de café no colo. Jornal na mão. Fala ao telefone.*

- CRISTÓVÃO - Estou telefonando para cumprimentar o senhor pelo seu ingresso na Academia Maranhense de Letras. Parabéns. Seu discurso de posse? Com muita honra... obrigado. Passar bem. (*Desliga. Cota e Lúcia entraram. Lúcia se apoiando em Cota*) Vai me mandar o discurso de posse... (*Tempo*) Que foi?  
 COTA - Essa menina, Cristo, enjoa, pálida... que foi, filha?  
 LÚCIA - Nada.  
 CRISTÓVÃO - Como, nada? Médico eu arranjo. Mais de três me devem favores... O Lupércio, e...  
 LÚCIA - É que eu estou grávida. (*Silêncio*)  
 CRISTÓVÃO - Ora, menina...  
 LÚCIA - É verdade. (*Tempo de silêncio*)  
 COTA - Ah, minha filha, isso deve ser estômago... (*Silêncio*)

*Escurece. Uma velha passa com uma cesta de feira perto de Jean-Luc e Lúcio.*

- LÚCIO - Bom dia. (*A velha cumprimenta sorrindo*) Deixa eu carregar.  
 VELHA - Não, não precisa.  
 LÚCIO - Faça o favor, é muita pesada pra senhora, faça o favor.  
 VELHA - Muito obrigado, meu filho. (*Dá bolsa*) Até que é pesada mesmo. Meu marido foi aposentado, ganha a metade, não posso ter mais empregada; e empregada também usa aquele perfume forte... (*Lúcio e Jean-Luc saem correndo*) Ei, moço... volta aqui! Ladrão! Pega ladrão! Ladrão bem vestido! Pega ladrão bem vestido!

*Escurece. Abre. Babia está escrevendo à máquina. Traduzindo X-9. Batem na porta com força. Babia vai abrir. Lúcio entra. Tempo.*

- LÚCIO - Acho que pegaram o Jean-Luc. E agora, Lúcio, ele dizia, e agora? Agora, vamos correr, seu padre. Olha a couve, quer couve? (*Deita Tempo*) Você gostou da minha peça, não é, canalha? Que é? Falta sofrimento?
- BAHIA - Saco. Falta saco.
- LÚCIO - Alho poró? Vai alho poró? (*Tempo*) Qual é o saco? Ir de subúrbio em subúrbio pra dizer que delatar é coisa feia? Você não sabe que todos nós somos delatores? Esse não pagou as contas esse foi acusado deixando a mulher. Por que a sua peça não é sobre a delação obrigatória?
- BAHIA - Saco. Me faltou o saco.
- LÚCIO - Bahia, eu te amo, mas vocês é um cruzado, um Barba Rocha. Vamos arriscar sozinho, Bahia.
- BAHIA - Sozinho só faço pipi.
- LÚCIO - Sozinho, sim, sozinho eu ando em cima d'água de novo, multiplico pão. Em grupo você fica no seu canto, falando mal do mundo e mais o que... a gente não fica igual aos outros e não entende...
- BAHIA - Não quero ser como os outros são. Quero ser como todo mundo já podia ser.
- LÚCIO - Cruzado, monge, papa, freira...
- BAHIA - Tem de ser egoísta paca, Lúcio. Não pode viver só a sua vida, tem de viver a vida toda, em bando, cada vez mais exato. Feito faca cortando banha.
- LÚCIO - Por que é que você não gosta da minha peça?
- BAHIA - Sacanagem. (*Lúcio vem ver o que Bahia está fazendo. Pega o X-9*)
- LÚCIO - Traduzindo o X-9? Quem é o assassino? Não, pomba, me diz? Diz pra mim quem é o assassino, pelo amor de Deus! Ah, quem é o assassino?
- BAHIA - Quando você estiver bom preciso falar com vocês da Suzana.
- LÚCIO - Que foi?... aconteceu algum coisa com ela? Me diz... que foi que aconteceu? (*Bahia fica em silêncio. Um tempo. Suzana entra. Tempo longo*) Você contou, Suzana?... Mais... Suzana, você... eu não... (*Longo silêncio*) Fui fazer uma crítica de cinema pra uma revista, não tive coragem... copiei a crítica do Cahier... (*Silêncio*) Eu... (*Lúcio olha Suzana longamente. Com vergonha. Senta-se; meio esconde o rosto. Um outro tempo. Bahia pega Lúcio, delicado. Lúcio se apóia em Bahia. Saem*)

*Escurece. Lúcia acordada. Cristóvão meio cabeceia de sono sobre o telefone. Cota, meio dormindo num canto. Entram Lúcio e Bahia. Lúcio semi-desfalecido. Os outros vêem. Levantam-se em silêncio. Um tempo, Lúcio sorri para eles.*

- LÚCIO - Acusado, meu pai, Bahia. É ele. Acusado.
- CRISTÓVÃO - O senhor trabalha no quê?
- BAHIA - Eu...

- CRISTÓVÃO - Porque meu filho trabalha. Não é desocupado, não. Meu filho é um advogado e...
- LÚCIO - Xô, pai, xô, xô...
- LÚCIA - O Bahia trouxe o Lúcio, pai.
- CRISTÓVÃO - Trouxe mas antes levou o...
- LÚCIO - Ninguém me levou, porra! Tenho perna! Ninguém me leva!  
(*Silêncio*)
- BAHIA - Tchau, Lúcio. (*Meio se despede*)
- LÚCIO - Me empresta um dinheiro? (*Bahia faz que não tem. Sai. Longo silêncio. Cota e Lúcia saem. Cristóvão de costas, sentado. Tempo*)
- CRISTÓVÃO - (*Pausa*) Como você achar melhor, Lúcio... (*Tempo*) Almoçou, filho?
- LÚCIO - Comi aí... (*Tempo*)
- CRISTÓVÃO - Você veio da rua agora, será que vai chover?
- LÚCIO - Não vi direito.
- CRISTÓVÃO - Li uma crítica de cinema que você fez. Fui ver o filme. Concordei com a crítica.
- LÚCIO - Obrigado.
- CRISTÓVÃO - Você tem o endereço certo do Dr. Etchevarrieta?
- LÚCIO - Tenho.
- CRISTÓVÃO - Ele é um homem inteligente. Era foca da Noite quando eu publiquei a reportagem sobre o Rodrigues Alves. Já contei, não contei?
- LÚCIO - Mais ou menos.
- CRISTÓVÃO - O Rodrigues Alves foi eleito mas estava morrendo. A família não queria que ninguém soubesse. Fui para Guaratinguetá disfarçado e fiz a reportagem. Quando descobriram, até ameaça de morte recebi...
- LÚCIO - Mas fez não é? (*Longo silêncio*) É capaz de chover, sim.
- CRISTÓVÃO - É não é? Melhor levar o guarda-chuva, não é?
- LÚCIO - É bom, sim. Até mais tarde, pai.
- CRISTÓVÃO - Até mais tarde. Dorme um pouco. (*Lúcio faz que sim. Sorri. Sai. Lúcio entra. Cristóvão ainda fica um pouco. Vai ver o tempo*)

*Outra luz. Lúcia está deitada no seu quarto. Lúcio chega na porta. Fica parado olhando para ela.*

- LÚCIO - Alguém me telefonou?
- LÚCIA - Não.
- LÚCIO - Tem certeza? (*Lúcia faz que sim. Tempo*) Me empresta dois contos?  
(*Tempo. Lúcia dá um dinheiro*) Amanhã eu... (*Tempo. Lúcio sai*)

## FIM DA PRIMEIRA PARTE

## SEGUNDA PARTE

*Lúcio está no escritório do advogado. Num canto, um office-boy dorme. Ruído de máquinas vindo de outra parte do escritório.*

LÚCIO - *(Lê, corrigindo)* O senhor Raul de Vicenzi usou então da palavra para concordar com o proposto aumento de capital da firma. O senhor Otávio Lemos Brito, vírgula, dirige então consulta à... mesa para saber... se era possível mijar num cantinho da sala... se havia necessidade de novos esclarecimentos. Ponto. Ponto, senão ninguém entende que é pra parar de ler... qual o outro canalha que vai ler isso? Eu e quem?... *(O menino olha abúlico)* Escolhe um nome aí...

MENINO - Her...me...ne...valdo?

LÚCIO - *(Agora escreve)* E o senhor Hermenevaldo Garcia usou da palavra declarando-se satisfeito com as informações prestadas. Disse isso e mostrou as nádegas de felicidades para a assembléia... *(Finge que escreve. O menino se diverte)*

MENINO - Todo dia vocês tem que inventar essas atas, é? Eles nunca fazem assembléia? Por que, hein?

LÚCIO - *(Dá de ombros)* Foi na primeira Vara? *(O menino faz que sim. Entrega uma pasta. Lúcio começa a ler. Cristóvão passa com Etchevarrieta. Não se sentar no fundo. Cristóvão fala)*

MENINO - Ih, aquele homem...

LÚCIO - Que tem?

MENINO - Dr. Etchevarrieta não agüenta mais. Ele vem todo dia. Chega uma hora, espera até uma e dez. Nunca viu, não? Dr. Etchevarrieta agora, de propósito, chega uma e meia... mas hoje o homem veio às seis... *(Tempo)* Faz mais uma ata, vá... *(Lúcio quieto. Tempo)* Até amanhã... *(O menino sai. Lúcio ainda lê. Guarda a pasta, vai sair, não quer ser visto. Pára para ouvir)*

CRISTÓVÃO - Sou um homem de velhas convicções, Dr. Etchevarrieta. Eu sei, o senhor vai dizer, é mais fácil ser antigo. Não sei... mas quando subornaram o primeiro deputado nesse país eu... não era mais o meu lugar... Sei, não enfrentei, desisti, mas... estou lá na minha seção doze anos, arquivando processos, editais... por mim, me aposentava, pronto. Mas é meu filho, entende, Etchevarrieta? Que estímulo ele pode ter? O pai trabalhou, faltou oito vezes, foi jornalista, abalou o país... e vai terminar chefe de uma seção sem muita importância...

ETCHEVARRIETA - É...

CRISTÓVÃO - Eu sei, você é governo, eu vou morrer oposição. Mas eu ajudei você. Despachei dois processos fora de prazo. Nunca fiz isso. Mas

preciso de um reconhecimento. Palavra — meu filho não gosta de mim, Etchevarrieta... vai haver uma vaga no Conselho de Ensino Secundário... um lugar onde eu opine e... se eu fosse moço e me visse assim, não continuava... (*Lúcio sai, Cristóvão continua falando. Etchevarrieta contrariado. Lúcio fica parado esperando o elevador. A luz esmorece. Bahia e Lúcia entram*)

LÚCIA - O que é que eu faço?

BAHIA - Esse Estelita aonde anda?

LÚCIA - De vez em quando encontro ele... ele é tão chato...

BAHIA - Faz o que você tem vontade.

LÚCIA - Não tenho vontade de quase nada... acho que eu quero ter um filho. Será?

BAHIA - Então.

LÚCIA - Meu pai não quer, só me diz bom dia e boa noite agora. Estamos de mal. Não é engraçado?... Vou ter de trabalhar, arranjar dinheiro... datilógrafa ganha quanto?... Não sei datilografia... (*Ri. Tempo. Fica parada. Bahia senta ao lado dela. Lucia beija Bahia suave. Bahia deixa. Lúcia começa a abrir a camisa. Bahia pára Lúcia. Tempo*) Se eu tiver que sair de casa, você deixa eu morar aqui? (*Bahia quieto*) Eu preciso ter bastante coisas acontecendo comigo... aí eu fico olhando, fico vendo... (*Tempo. Levanta*) Tchau.

BAHIA - Tchau.

*Esmorece a luz. Acende na porta do elevador. Cristóvão encontra Lúcio.*

CRISTÓVÃO - Ué, Lúcio, você estava aí?

LÚCIO - É. Fiquei até mais tarde, tinha umas coisas atrasadas...

CRISTÓVÃO - O Etchevarrieta me chamou. Quer que eu aceite uma vaga para o Conselho de Ensino Secundário.

LÚCIO - Puxa, que bom, pai.

CRISTÓVÃO - Quer, quer, quer. Que eu tenho que estar lá. Eu fico pensando... a maioria é deles, Lúcio. Essa política de colégio estadual. Eles querem usar meu nome. Vou recusar.

LÚCIO - Não, pai.

CRISTÓVÃO - Vou, vou recusar. Indispensável, você é indispensável, Cristóvão. Essa proposta tem água no bico. Ah. (*Longo silêncio*)

LÚCIO - O elevador está sempre lotado.

CRISTÓVÃO - É. (*Outro silêncio*) Pus uma camisa sua... só reparei no Ministério... (*Outro silêncio*) Você falou com a Lúcia?

LÚCIO - Não, pai.

CRISTÓVÃO - Você me prometeu, Lúcio. Que ia falar com ela e com o rapaz. Nós precisamos resolver esse problema, Lúcio. Sua irmã, onde ela está com cabeça que...

- LÚCIO - Deixei um processo sem assinar... volto já...
- CRISTÓVÃO - Eu espero.
- LÚCIO - Vou demorar. (*Sai. Cristóvão parado. Tempo. Entra no elevador*)
- CRISTÓVÃO - Tem lugar?

*A luz esmorece. Suzana entra em cena. Fica sentada perto de Lúcio. Lúcio lê uma peça. Jean-Luc sentado num canto.*

- LÚCIO - Governador — Senhor Embaixador, meu povo se levantou em armas e chegou ao poder. Como todos que chegam ao poder, também não queremos sair. Embaixador — Senhor Governador, pessoalmente amo e respeito o seu povo. Mas meu país tem amigos e tem interesses. Precisamos das reversas de petróleo da região. A Sétima Esquadra está a cento e vinte milhas daqui. Se vossa decisão for negativa, amanhã será constituído um novo governo no exílio. Esse governo fatalmente pedirá nossa ajuda, e, fatalmente viremos. Governador — Nós pediremos ajuda da União Soviética. Embaixador — É uma bela medida, Governador. Mas se V. Excia. pedir ajudar aos russos, perderá a metade do apoio que tem dos comerciantes, dos homens de indústria. Metade, eu estou otimista, Excelência? — O Governador fica em silêncio. O embaixador sorri. Levanta. Faz uma reverência. Sai. O Governador, imóvel. Fim do terceiro ato. (*Silêncio*)
- JEAN-LUC - Embaixador sacana, sô. Ia tudo tão bem... veio o lobo mau... Embaixador lobo mau. Chapeuzinhosvermelhos do mundo uni-vos. (*Tempo*) Vem cá, os caras foram tomando o poder, essas coisas, eles não sabiam que o Embaixador ia entrar na peça? (*Silêncio. Jean-Luc semi-deita*)
- SUZANA - Eu gostei, Lúcio. Gostei paca.
- LÚCIO - Ah.
- SUZANA - Estou dizendo. É assim mesmo que eu acho — teatro didático, direto, sem volta.
- LÚCIO - É, só que nada é direto, sem volta, nada.
- SUZANA - Mas tem que fazer assim, hora, se não ninguém entende, e...
- LÚCIO - Então fique sem entender, então morra burro. Mas quando entender, entenda que dá volta, que é complicado, que oitocentos bilhões de pessoas já passaram pelo mundo e só começaram a resolver. Cartilha é só até os sete anos, só, entende?
- SUZANA - Não, Lúcio, a peça é boa.
- LÚCIO - Não é, Suzana. Isso é claro como água. Não sinto nada disso, não... Chamei você porque eu sabia que você ia gostar, mesmo que não gostasse...
- SUZANA - A peça é boa.
- JEAN-LUC - É uma merda.
- LÚCIO - Eu fico em cima da máquina, fico e sai isso... cada letra é uma lutam uma... Pô, como eu queria que ela ficasse boa... (*Lúcio fica parado.*)

*Suzana chega perto dele. Põe a mão no seu cabelo, passa a mão no rosto de Lúcio. Senta-se ao lado dele. Encosta seu rosto no dele. Beijam-se suavemente. Beijam-se. Tempo)*

JEAN-LUC - Essa mulher não é do teu amigo, ô...? Ei... se eu incomodo, eu saio da minha casa... (*Tempo*) Pô, das vantagens de escrever peça ruim...

*Entram pessoas do grupo e sentam. A luz mudou. Suzana senta-se ao lado de Bahia. Lúcio, nervoso, lê sua peça.*

LÚCIO - Embaixador — É uma bela medida, Governador. Mas se V. Excia. pedir ajuda dos russos, perderá a metade do apoio que tem dos comerciantes, dos homens de indústria. Metade, eu estou sendo otimista, otimista, Excelência? — O Governador fica em silêncio. O embaixador sorri. Levanta. Faz uma reverência. Sai. O Governador imóvel. Fim do terceiro ato. (*Silêncio*)

UM - Eu quero começar. Achei a peça muito importante. Parabéns ao companheiro. Dramaticamente talvez haja algum senão mas o sentido anti-imperialista me pareceu justo. É uma denúncia. Acho que ela...

BAHIA - Que denúncia? Denúncia de quê?

SUZANA - Deixa ele falar.

BAHIA - Que denúncia?

VOZES - Deixa ele falar, Bahia. — Espera a vez, Bahia.

UM - Denúncia da polícia do big stick, denúncia...

BAHIA - Pra mim ela denuncia que política é uma coisa simples como água e que nós somos uma multidão de imbecis!

VOZES - Absolutamente! — Deixa ele falar! — Um de cada vez, um de cada.

SUZANA - A burguesia vacilante está lá, o medo está lá, isso é simples?

LÚCIO - O povo tem consciência mas não tem força, isso eu sei...

DOIS - Se ele tem consciência, ele tem força, companheiro...

VOZES - Não! — Quem disse isso? Quem? — A peça é simplista, meu velho.

LÚCIO - Simples é essa crítica, não aceito assim, não aceito.

DOIS - O que eu quero dizer é que a peça não mostra os erros do povo. Intenção em política não é nada. Em política, errou, pagou na hora.

VOZES - Mas é outra peça! — Assim não é possível! — A peça é didática! — É simples, mas não é simplista...

BAHIA - Política não é tragédia, não. Tragédia nem os gregos escreveram. O negócio é errou ou acertou. Essa revolução da peça entrou pelo cano porque eles erraram e o autor não sabe disso.

LÚCIO - Eles erraram, pensaram que tinham força demais.

BAHIA - Isso você está me dizendo agora, porque na peça não tem, não.

VOZES - Como não tem? — A peça é didática! — Não pode querer obra-prima!

- SUZANA - A peça tem erros, sim. A peça do Bahia não tem erro? Só o Bahia acerta nessa praça? Isso não é maneiro de tratar o trabalho de um companheiro. A peça é boa.
- BAHIA - Não é boa não. Que tem uma peça não ser boa? (*Lúcio fala. As luzes em volta dos outros começa a apagar*)
- LÚCIO - Boa é a usa peça sobre delação, não é? Minha peça é sobre uma revolução, pomba. Ou só pode se escrever sobre delação aqui? Algumas colocações eu aceito, mas invalidar tudo? Não aceito.

*Quando acende a luz, estão Jean-Luc, Estelita e Lúcio no bar. Estelita lê a peça.*

- LÚCIO - O que é que eles querem? Então escrevo uma peça dizendo que o americano invade os países, toma conta, come o fígado e não está bom? Não serve pra nada. Aqueles medíocres olhando para mim — Tem um sentido trágico e não pode ser trágico, ah...
- JEAN-LUC - Mas você não acha também que a sua peça é uma merda?
- LÚCIO - Sei lá... sei lá... é que tanta mediocridade... um me disse que a peça não é cósmica. (*Estelita termina de ler a peça*)
- ESTELITA - Deixa eu ver se peguei a filosofia da peça — em cada pedaço de terra um trator, uma alcachofra por mês pra cada cidadão, dois sabonetes, uma lata de talco...
- JEAN-LUC - Tem mais, tem mais, não é tão pobre assim — tem um coito por semana, uma bonita vacina anti-rábica cada quatro anos na bunda ou no braço, escolha livre...
- ESTELITA - Casa com duas janelas, vaso no parapeito...
- LÚCIO - (*Puxa Estelita forte*) Você não! Jean-Luc pode me gozar! Você não. Tu é um poeta medíocre, um rebutalho. O que é que você fez com a Lúcia, hein? Hein? Não vivo em bar dizendo ditos irônicos, não. Vivo fazendo. Medieval. (*Larga Estelita na cadeira. Longo silêncio*)
- JEAN-LUC - Fazendo, a Fundação Leão XIII também vive. (*A Estelita*) Você não vai resolver o problema com a Lúcia, seu?
- ESTELITA - Isso é com a gente.
- JEAN-LUC - (*A Lúcio. Tempo*) Desanima não. Vai piorar mais... (*Tempo. Tira um dinheiro*) Você não pediu dez contos?... Vai comprar camisa, é? (*Põe a cabeça no ombro de Lúcio. Tempo*)

*A luz esmorece. Cristóvão lê a peça. Tempo. Lúcio deitado na cama. Olho pregado no teto. Cota, de dentro.*

- COTA - Lúcio, Lúcio Paulo. Não quer comer?... Lúcio... (*Tempo. Cota aparece, na sala*) Não responde. Passou o sábado e o domingo no quarto... (*Silêncio*) é boa a peça dele?
- CRISTÓVÃO - É. Muito interessante. Um governador quer chamar os russos, imagina. O que os russos não fizeram na Hunrgia... quer ler?
- COTA - Eu li um pouco. (*Silêncio*)

- CRISTÓVÃO - O Lúcio acha que eu devo aceitar a indicação para o Conselho de Ensino.
- COTA - Viu, ele também acha...
- CRISTÓVÃO - Não sei... afinal a gente tem convicções, Cota.
- COTA - Seria tão bom você aceitar, Cristóvão.
- CRISTÓVÃO - Não insista, Cota. Não insista. É um convite honroso mas... não. Não insista não, Cota, por favor. *(Um tempo. Lúcia entra. Silêncio. Não se cumprimentam. Lúcia passa para dentro)*
- COTA - *(Tempo)* Por que você não fala com ela?... Está tão, tão desamparada... *(Cristóvão em silêncio. Tempo)*
- CRISTÓVÃO - É verdade que o Etchavarrieta está insistindo muito. Que precisa de mim no Conselho. Mas a proposta leva água no bico. Não vou. *(Cota vai para dentro. Cristóvão pega o telefone, jornal. Disca)*
- COTA - *(De dentro)* Lúcio... quer um copo de leite?... Lúcio... *(Um tempo)* Lúcia... quer comer alguma coisa?... Lúcia?...
- CRISTÓVÃO - Dr. Almeida Gomes, por favor? Dr. Almeida Gomes. Estou telefonando para cumprimentá-lo pelas suas bodas de prata, doutor. Está falando Cristóvão...

*A luz escurece. Lúcio entra. Suzana e Jean-Luc.*

- LÚCIO - Como não é justo, Suzana? O grupo não ganhou uma verba? Não vão montar a peça do Teixeira só porque ele é cupincha do Bahia? Então tem que montar a minha peça também. Eu reescrevi. Me disseram que tem um deputado do PTB que ficou louco com a peça.
- JEAN-LUC - Deputado é cara que entende desses troços, viu?
- LÚCIO - Tem que montar a minha peça.
- SUZANA - Não sei. É que vai dividir o grupo. A maioria não vai querer.
- LÚCIO - Então eu vou ficar sentado vendo o Bahia experimentar o mundo? Não. Se dividir o grupo, dividiu. Não estou no mundo de coro, não. Tem que montar minha peça. O Jean-Luc disse que arranja um empréstimo no banco! *(Vai pegar bebida)*
- SUZANA - Você arranja mesmo um empréstimo?
- JEAN-LUC - Não sei. Estou sabendo disso agora.
- SUZANA - Por que é que ele é assim?
- JEAN-LUC - Não sei... acho que ele não quer fazer uma vida; quer fazer mais uma biografia... é cronista dele mesmo... e você? Por que é que está com ele? Está fazendo ele ficar muito político. O Bahia é melhor pra você. Melhor deixar o Lúcio. *(Os dois se olham. Jena-Luc sorri. A luz escurece. Acende em Bahia e Suzana)*
- BAHIA - É melhor parar de frescura. Do grupo não sai um tostão pra montar a peça do Lúcio. Se o moço está frustrado se inscreve na Legião Estrangeira. Mas dinheiro, não.
- SUZANA - Tem gente que acha a peça boa.

- BAHIA - Dane-se. Engula o sapo.
- SUZANA - Precisa acabar com esse negócio de só você decidir aqui dentro.
- BAHIA - Precisa é acabar com a sua mania de concordar com quem você dorme.
- SUZANA - Ah, Bahia, fala, vá, não passa a vida acusando... (*Tempo*) Precisa ajudar o Lúcio, Bahia.
- BAHIA - Sou revolucionário. Não sou psicanalista.
- SUZANA - Vá à merda. (*Suzana sai. Esmorece a luz*)

*Acende em Lúcio, Jean-Luc e Suzana. Suzana fala ao telefone. Os dois riem em volta dela.*

- SUZANA - E a gente está querendo montar a peça do Lúcio. Ele reescreveu ela. Eu sei, Lito, eu sei. A gente vai continuar o resto da vida montando espetáculo uma vez por semana em subúrbio? Até quando? Eu sei que é pra conseguir apoio nos sindicatos, mas...
- LÚCIO - Ele não gostou da peça?
- SUZANA - Você não gostou da peça? Então.
- JEAN-LUC - Que ele vai fazer o Governador.
- SUZANA - A gente tinha pensado pra você fazer o papel do Governador.
- LÚCIO - Tem um amigo que arranja dinheiro. (*Suzana desliga*)
- SUZANA - Ele vai pensar. (*Liga de novo*) Me deixa falar... liga pro Jorge. O Jorge gostou da peça,
- LÚCIO - Fala do dinheiro. Já tem o dinheiro. Você não disse que consegue um pouco com seu pai também?
- JEAN-LUC - Fala menos zangada, menina, mais doída...
- SUZANA - Jorge? É a Suzana. Estou telefonando pra saber se você quer montar a peça do Lúcio. A gente queria que você dirigisse...
- JEAN-LUC - Se ele não dirigir, não monta a peça... Diz isso...
- SUZANA - Se você não dirigir, não quero montar...
- JEAN-LUC - Isso, isso. Frustrados de todo o mundo, uni-vos. Ai, meu Deus. Que sacanagem. Que sacanagem imensa!

*A luz escurece. Abre no escritório. Lúcio escreve uma ata de assembléia. Bahia entra. Lúcio o vê.*

- LÚCIO - Ô, mestre.
- BAHIA - Como vai?
- LÚCIO - Estou aqui enfiado nesse escritório. Pra dar alguma satisfação lá em casa. Tenho de começar a fazer trabalho político aqui. Pegar esses escriturários... têm boas posições, viu?
- BAHIA - Olha aí, eu nem vinha falar com você. Mas decidiram que eu devia falar. O que é que você está arranjando, Lúcio? (*Lúcio não entende*) Vocês vão montar a sua peça, Lúcio?
- LÚCIO - Minha peça? Quem? (*Bahia quieto*) Quem?

- BAHIA - A Suzana ontem alugou um teatro.
- LÚCIO - Tenho nada que ver com isso, não.
- BAHIA - Não sai fora, Lúcio.
- LÚCIO - Disse que não sei e chega, não é?
- BAHIA - A gente está a três anos com esse grupo marombando; na hora que cai de fazer um negócio de mais importância, vocês vão montar a sua peça?
- LÚCIO - Quer parar com essa de vocês?
- BAHIA - É só coisa da Suzana, não é?
- LÚCIO - No começa eu queria, viu? Você me mordeu forte na reunião. Devo ser mal entendido. Eu sou do grupo e pronto.
- BAHIA - É, antes mal acompanhado do que só. (*Bahia levanta*)
- LÚCIO - Eu vou ver isso... você está hoje de noite na sua casa? Qual teatro, não sabe qual é?
- BAHIA - Tchau, mestre. (*Bahia sai. Tempo longo*)

*A luz esmorece. Abre em Bahia e Dois.*

- BAHIA - Dou porrada nele e nela! Dou porrada.
- DOIS - Não faz assim, Bahia, não faz. Precisa compreender e manear.
- BAHIA - Quase um mês parados por causa deles, e diz que me diz e...
- DOIS - Mas é assim, Bahia, é assim...
- BAHIA - Assim, uma...
- DOIS - Bahia, tu vai arrebentar o grupo todo. A gente precisa da Suzana, do Jorge, do Lúcio...
- BAHIA - Não tem esse assunto, não.
- DOIS - A gente decidiu que tem que manter a unidade.
- BAHIA - Decidiu errado. Sacanagem é no pau.
- DOIS - Todo mundo faz besteira, Bahia. Você já cansou de tomar decisão sozinho.
- BAHIA - Me diz uma! Me diz.
- DOIS - Ah, assim você vai se tornando mais difícil, não é, Bahia? Você brigou com muito dirigente sindical sem consultar ninguém. Você inibe as pessoas. Pô, tu não é oráculo, não. Grupo é assim. Vai devagar mas é a única coisa que vai.

*A luz esmorece. Abre em reunião. Estão todos os da primeira reunião.*

- SUZANA - Eu fui falar com o Bahia. O Bahia não me tratou como companheira. Não admito ser tratada assim.
- BAHIA - Vai, Suzana, não faz demagogia.
- VOZES - Bahia. — Calma. — É melhor a gente ficar calmo.

- SUZANA - Não adianta. É assim que ele trata quem não tem a opinião dele.
- BAHIA - Olha, o que a gente está discutindo é que vocês vão montar a peça do Lúcio sem autorização do grupo. Se eu sou grosso ou não, deixa pra quinta-feira.
- SUZANA - A gente vai montar a peça sim.
- VOZES - Mas não pode! — Isso é um absurdo! — Por que não pode montar? — Ninguém leu a peça direito?
- SUZANA - Vai montar porque a peça é boa. Não é da linha que o Bahia quer impor aqui, mas é boa. É o companheiro Lúcio precisa ver a peça dele no palco.
- UM - Eu li a peça três vezes, meus companheiros, isso é que precisa.
- DOIS - Está colocando mal, Suzana. Bahia aqui não impõe nada. É a maioria que não quer a peça.
- BAHIA - Eu quero saber se o Lúcio não vai falar. Ontem ele me disse que não era verdade que iam montar a peça.
- LÚCIO - Eu não disse isso, um momento, um momento, companhe...
- BAHIA - Ontem você me disse que não sabia.
- LÚCIO - Eu não sabia...
- SUZANA - Sabia, como não?
- LÚCIO - Não, não sabia certo. Isso não quer dizer que eu seja contra.
- SUZANA - Um momento, companheiro.
- VOZES - A Suzana me disse que você sabia! — Pra mim também, Lúcio.
- LÚCIO - Um momento, um momento, eu sabia. Assim não é possível falar. Eu sabia, só não sabia que a coisa estava assim provocando divisão.
- SUZANA - Não, companheiro, nós queremos montar a peça dê no que der.
- LÚCIO - Disso eu não sabia, companheira.
- SUZANA - Que é isso, Lúcio?
- VOZES - Como é? — Sabia ou não sabia, Lúcio? — Isso não interessa, minha gente.
- LÚCIO - Assim não é possível. Me recuso a falar. Me recuso.
- DOIS - Por favor, o assunto não é esse...
- BAHIA - É esse sim, fica quieto que o Calderon de La Barca vai se explicar.

*Lúcio vai para Bahia brigar. Separam.*

- VOZES - Que é isso? — Pára com isso!
- LÚCIO - Aqui é assim. Bahia, Bahia, Bahia. Se não concorda é oportunista, é sectário. Cada um tem medo de pensar sozinho mas todo mundo acredita que tem idéias próprias. Chega pra mim! Chega!
- BAHIA - Chega pra você os cambau. Chega pra nós! (*Nova briga. Nova separação. Cada grupo leva Bahia e Lúcio pra fora. Ficam Dois e Suzana*)

- DOIS - Viu em que viagem a gente se meteu, Suzana? Você devia ter pensado duas vezes. Lúcio não sabia de tudo?
- SUZANA - Sabia. Ele quis se acertar na reunião, porque, sei lá... ele não importa, não. A peça é boa. Isso é que importa, Nicola.
- DOIS - Está, Suzana. A gente ainda não sabe ser grupo... É aprender mais.

*A luz esmorece. Abre em Lúcio e Noemia. Noemia deitada lê a peça. Lúcio largado. Tempo.*

- NOEMIA - A peça é contra os Estados Unidos, não é? Eu gosto mais dos Estados Unidos que da Rússia. Na Rússia tem mãe exemplar e gente tirando fotografia rindo de propósito. Não vou ler até o fim, não. Você fica chateado? É bonita a cortina nova que eu pus na sala?
- LÚCIO - É.
- NOEMIA - Você sumiu. Eu fico... (*Beija Lúcio*) Cigarro dá câncer?
- LÚCIO - Não sei.
- NOEMIA - Fala comigo, Lúcio. Você não fala... (*Lúcio olha para ela. Sorri*) Você é espírita?
- LÚCIO - Não.
- NOEMIA - Ouve. O Católico, entendeu? Cada um se salva por sua conta, mas todos nós fazemos parte do Espírito Geral. Então a gente... tem de salvar o Espírito Geral e não a alma de cada um, então...

*A luz esmorece. Abre. Cristóvão e Lúcia. Num canto, Cota.*

- CRISTÓVÃO - Estou sendo seu amigo, Lúcia.
- LÚCIA - Eu sei, pai. Porque o senhor é meu amigo há, um mês que só fala nisso, ontem me acordou no meio da noite. (*Lúcio entra*)
- CRISTÓVÃO - Olha, filha, porque a vida não pode ser um acaso. Eu passei a minha vida pisando na risca, acreditando, com respeito e... no fim, na minha casa tem uma mãe solteira? Então tudo pode acontecer com todos? É uma Babilônia? Então...
- LÚCIA - Pai, o senhor complica só as coisas fáceis, pai. Porque é complicado mesmo o senhor nem quer saber, nem quer saber.
- CRISTÓVÃO - Porque na minha casa não vai ser, Lúcia. Aqui, não. Já falei com sua tia Alcina. Você pode passar lá um tempo. Não quero ver tudo desmoronar na minha frente.
- LÚCIA - Não vou sair, pai.
- CRISTÓVÃO - Vai. Vai.
- LÚCIA - Precisa me botar lá fora.
- CRISTÓVÃO - Ponho na rua agora se quiser. Ponho. (*Lúcio entra. Cristóvão um tempo, olha para Lúcio desamparado. Longo tempo*) Porque é que ela não faz como você, Lúcio? Por quê?...
- LÚCIO - Vá à merda. Deixa a menina em paz. (*Cristóvão. Tempo. Não pode falar. Vai sentar. Tempo. Cota vem para a frente de Lúcio. Fuzila-o com o olhar.*)

*Tempo. Vai para Cristóvão. Dá a mão a ele. Se dão as mãos. A luz fica tempo neles. Escurece)*

*Abre em Lúcio estirado na cama. Olha pregado no teto. Lenço na mão, cheira. Jean-Luc fala no telefone.*

JEAN-LUC - Lúcio está aqui. Ruim. Ruim mesmo. Vê se arranja alguma coisa pra ele pra ele fazer. Você não faz parte daquele grupo que vai fazer um suplemento literário e tal... põe o Lúcio lá. Eu sei que vocês brigaram, mas ele não chegou a dar na tua cara. Afinal você estrumbicou a irmã dele, não é? Põe o Lúcio nesse suplemento. Não quero ele assim... *(Desliga. Senta perto de Lúcio. Tira o lenço)* Quer comer alguma coisa?

LÚCIO - Eu amo a Suzana, Jean-Luc...

JEAN-LUC - Ama porque ela é mulher do Bahia.

LÚCIO - Chorei por causa dela... passei vexame... como é que eu fiz uma coisa dessa? Deixei ela sozinha... como é que eu faço isso?

JEAN-LUC - Foi ela quem meteu na sua cabeça a idéia de montar aquela peça ridícula, não vê? Pra aporrinhar o Bahia. Não vê? Você ainda é bom demais... cada um tem que aceitar o demônio que Deus lhe deu. *(Lúcio inerte. Jean-Luc fica olhando sentado ao seu lado. Tempo)* O Estelita vai arrumar um negócio pra você. Por esses dias... querendo pode ficar aqui...

*Abre. Numa reunião estão Estelita, Jean-Luc, Lúcio, mais cinco ou seis pessoas. Nívea e Bandeira.*

BANDEIRA - O nosso suplemento vai ser publicado aos sábados. A partir de quanto, Nívea?

NÍVEA - Daqui um mês. Falei com meu irmão ontem. Ele garantiu — daqui um mês. Mas, dono de jornal, nunca jure em cima. Eu nunca sei o que o meu irmão pensa. Nem ele nunca sabe. Ser irmão do dono de jornal não é tarefa das mais fáceis, não... *(Sorrisos)*

BANDEIRA - Queremos fazer um movimento de arte lúcido. Sem paixão mas sem geometria pura. Empenhado. Atingir as coisas antes de seu significado provisório. A concretude das coisas. Aqui estamos, no mundo, carregados de responsabilidades, para nada. Não viemos para a felicidade, nem para a tranqüilidade. É terrível mas só viemos para a verdade.

VOZES - Isso. — Não há dúvida. — Precisamos de um movimento assim.

BANDEIRA - Aceitamos a colaboração de quem queira trabalhar conosco. Concordando conosco. Estelita está na secretaria, Nívea na editoria de arte. A responsabilidade gera é minha.

JEAN-LUC - Muito interessante, Bandeira, muito.

VOZES - Estou à disposição, tenho feito pesquisas nesse sentido. — Da maior importância, da maior importância. — Eu sempre pensei assim.

ESTELITA - Quem não concorda é o Lúcio Paulo. Não quer falar?

- LÚCIO - Estou de acordo. Estou à disposição. Não sei se sou capaz...
- ESTELITA - Não, capaz é.
- NÍVEA - Já vi que os dois não se dão. Não é verdade? Um não gosta do outro.
- ESTELITA - Não, mas isso é contra tudo o que ele pensa. Só isso.
- LÚCIO - De maneira nenhuma.
- JEAN-LUC - De jeito nenhum.
- LÚCIO - Acho que aprendi uma coisa. O mundo é ele mesmo, todo aberto mas sem motivo. Não há mais nenhuma comodidade porque não há mais em que acreditar. E é preciso se empenhar, avançar, para que todos não precisem mais acreditar. Concordo — não será a tranquilidade mas será pelo menos a verdade.
- BANDEIRA - É exatamente isso.
- NÍVEA - Viu, Estelita? Pelo menor ele fala mais bonito que você. *(Sorrisos)* Meu Deus, se meu marido me vê nessa reunião com verdades, tranqüilidades, tem uma síncope.
- LÚCIO - Vocês me perdoem. *(À Nívea)* Desculpe, mas eu queria colocar um problema. Do plano que você mostrou, Bandeira, eu acho que está muito fechado em si mesmo... serão artigos, trabalhos de vocês... Mas se o motivo é influir, acho que falta violência... criticar tudo o que está sendo feito, cada livro, cada artigo. Disso eu não abro mão: as coisas são para todos ou não são.
- NÍVEA - É um agitador, Bandeira. Até que enfim um agitador em carne e osso.
- BANDEIRA - Eu pensei muito nisso. Tenho medo de cair em radicalizações de cada lado, na falta de diálogo...
- NÍVEA - Estou de acordo com o agitador. Isso aqui é um museu, agitador.
- VOZES - Mas o suplemento é de estudo. — Vai virar Fla-Flu. — Tem que manter distância, não? — Vai virar Fla-Flu. — Tem que enfrentar isso. — Melhor do que passar despercebido.
- BANDEIRA - É verdade que a polêmica será inevitável.
- VOZES - Isso é. — A polêmica é inevitável. — Nada é inevitável, nada. Não é?
- JEAN-LUC - Estou de acordo. Isso é. Viemos para a verdade. *(Diz isso para todo mundo. Enquanto todos falam. Nívea e Lúcio têm um diálogo entre eles)*
- OS DOIS - Eu sempre disse isso. Mas mulher continua com prestígio muito baixo, mesmo sendo irmã do dono do jornal. — Você concorda? — Com tudo. Vou expor uma escultura minha, claro que vai haver polêmica. — Você faz escultura? — Você pensou que eu era só irmã do dono. Vem ver, quer? *(Os dois saem para dentro. A discussão continua. Jean-Luc pára de falar, fica olhando. A luz esmorece)*

*Lúcia está sentada. Lúcio ao lado dela. Cota lê uma poesia de Lúcio.*

- LÚCIO - Esse Bandeira é um cara genial, Lúcia. Compreende? Era isso, era isso que eu tinha na cabeça me queimando. Era isso, meu Deus do céu. É a sintaxe. Você quer dizer uma coisa, tem a sintaxe, que não é você, que é patrimônio, não deixa ninguém ser sozinho, amarra as palavras, o sentido fica o mesmo de sempre. Ele quer acabar com isso, entende? A palavra, jogada uma contra a outra, usando o espaço. A gente pinta com palavra. (*Tira o papel da mão da mãe*) Com licença. Olha aí. Mostrei pro Bandeira. Ele quer que eu trabalhe com ele. O Estelita está na secretaria do suplemento. Mas ele é zenbudista, pomba. Amarra tudo. Não é uma arte de olha umbigo, não. É participante. Estelita amarra. (*Devolve o papel à mãe*)
- COTA - Não entendo, Lúcio! Ah. Fome amarela, fome fome, fome céu... Você entende, Lúcia?
- LÚCIA - Ah, mãe?
- COTA - Isso é espiritismo. Sabe que dona Adélia do 703 faz sessão espírita? Aquela gorda, de olho pequenininho...
- LÚCIO - Fome amarela é a fome, mãe. Fome fome são as duas se juntando. Fome céu é a fome da gente. De não sair de dentro da gente e ter de aceitar e...
- COTA - Creio em Deus Padre. Creio em Deus Padre. (*Riem*) Por que é que fome céu está nesse cantinho da página, menino? Tem a página toda, ele põe aqui no cantinho. Creio em Deus Padre. (*Riem. Cristóvão entra. Cristóvão fica parado*) Cristo, olha isso... do Lúcio, que vai ser publicado, que o Bandeira gostou muito... fome amarela, fome fome...
- CRISTÓVÃO - Lúcio. Você não está de férias.
- LÚCIO - Hein?
- CRISTÓVÃO - O Dr. Etchevarrieta me telefonou. Queria saber de você. Uma semana que não aparece. Atrasou um processo, ele perdeu, passou em julgado. Uma porção de documentos não foram registrados. Ele me destratou no telefone e... como é que você faz isso?
- LÚCIO - Arranjei outro trabalho, pai.
- CRISTÓVÃO - Irresponsável. Irresponsável.
- LÚCIO - Vou trabalhar num jornal.
- CRISTÓVÃO - Para fazer isso, menino? Essas besteiras de novo, irresponsável?
- LÚCIO - É. Essas besteiras.
- CRISTÓVÃO - Irresponsável. Irresponsável. Claro que ele não falou mais no convite para o Conselho de Ensino Secundário. Claro. E se eu quisesse aceitar?
- LÚCIO - Você não foi convidado, pai. Nunca foi.
- CRISTÓVÃO - O que é?... O que...
- LÚCIO - ...foi pedir o emprego, pai, foi pedir o lugar...
- CRISTÓVÃO - Cale a boca!
- LÚCIO - Foi, mãe, foi pechinchar, ia no escritório todo dia e o Etchevarrieta

- fugia dele...
- CRISTÓVÃO - Mentira! Menti...
- LÚCIO - Sabe que ele fugia como o diabo da cruz?...
- CRISTÓVÃO - Mentira.
- LÚCIO - Ia lá todo dia, todo dia...
- CRISTÓVÃO - Você é mau, menino... porque você não serve pra nada, você é mau...
- LÚCIO - O office boy dizia quando ele chegava lá — ih, chegou o chato... me empurrou pro escritório pra ver se conseguia alguma coisa na vida... é tarde, pai, é tarde...
- CRISTÓVÃO - Não vai dar certo em nada, menino, vai ficar roendo seu rabo, roendo o rabo...
- LÚCIO - Já viu sua família? Essa menina parada, grávida... dona Cota não sabe pegar ônibus, tem medo de ônibus... eu vou chegar onde você nem pisou, nem viu...
- CRISTÓVÃO - Ele pensa que vai dar certo em alguma coisa, Cota! Ele pensa!
- LÚCIO - Porque tem que ter espinha dorsal, pai...
- CRISTÓVÃO - E não me apareça mais...
- LÚCIO - *(Saindo)* Espinha dorsal, meu pai! Precisa uma espinha dorsal cravada nas costas! *(Lúcia vai atrás dele. Se abraça em Lúcio)*
- LÚCIA - Deixa eu ir com você...
- LÚCIO - Sai, Lúcia... *(Lúcio sai. Longo silêncio)*
- CRISTÓVÃO - Ele não vai dar certo, Cota. Não vai. Não vai dar certo em nada. *(Novo silêncio)*

## FIM DA SEGUNDA PARTE

## TERCEIRA PARTE

*Bandeira e Lúcio. Ruído de jornal. Bandeira com o suplemento na mão.*

- BANDEIRA - Fale sexta-feira. Sábado falei de novo. Por que é que o Estelita não publicou a resposta do J. Otávio?
- LÚCIO - Sei lá, Bandeira.
- BANDEIRA - Na primeira página, corpo dois, os dois artigos. Ele só publicou o artigo que é a favor do suplemento. Eu não sou assim. Quer discordar, discorde. Por que é que o Estelita não publicou a resposta do J. Otávio? Fica mal. Fica muito mal. Ele falou alguma coisa com você? Fala, Lúcio... eu tenho de saber que o suplemento precisa sair melhor. Essa margem tinha que ter quatro dedos.
- LÚCIO - O suplemento está ótimo, Bandeira. Tem três meses e a gente está recebendo carta até de Roraima. Olha essa carta de Roraima, Bandeira.
- BANDEIRA - Mas tinha que ter a resposta do J. Otávio. Aqui tinha que ter quatro dedos.
- LÚCIO - O Estelita acha que quatro dedos é insólito demais. Acha que o suplemento não devia ter linha polêmica. Acha que o J. Otávio é porta de terceira categoria.
- BANDEIRA - E é.
- LÚCIO - E ele acha que opinião de terceira categoria não se publica. Acha que suplemento muito participante, que é coisa minha, que eu estou influenciando demais...
- BANDEIRA - Mas eu estou aqui pra dar porrada, Lúcio. Porrada.
- LÚCIO - Ele gosta de zenbudismo, Bandeira.
- BANDEIRA - Zenbudismo é aristocracia, Lúcio. É coisa de eleito. Pra sair de tudo, eu quero mudar.
- LÚCIO - Também acho.
- BANDEIRA - Vou tirar o Estelita da secretaria.
- LÚCIO - Não faz isso, Bandeira. Estelita é meu amigo.
- BANDEIRA - Ele é meu padrinho de casamento.
- LÚCIO - Ele vira noite. Tem coisa que sai errado. Mas é bom demais. Ele é um braço. Vai pôr quem?
- BANDEIRA - Você.
- LÚCIO - De jeito nenhum. De jeito nenhum. Não tenho um quinto da capacidade de trabalho do Estelita, Bandeira. Estou com a tabela de crítica e chega. A Nívea me arranhou pra ser copy-desk aqui do

jornal. É suficiente.

BANDEIRA - Estelita é aristocrata.

LÚCIO - Pelo amor de Deus, Bandeira, não me põe nisso. Estelita é um braço.

BANDEIRA - Está bem. Vou agüentar mais um tempo... (*Bandeira sai*)

VOZ - Lúcio, telefone. (*Lúcio atende*)

LÚCIO - Alô. Oi, Nívea. Um pouco. Tenho que terminar uma matéria. Veio uma carta de Roraima. Sério. Com poesia... Como é?... Terminou a sua escultura que se mexe... claro que é difícil... Hein? Arranjou telefone pra mim? É. Te amo, Nívea... Teu marido que conseguiu, que era pra quem?... você... onde você está? Fala mais alto... Galeria Vila Rica? Hum. Que quadros?... Maurício o quê?... Não, não conheço... não adianta me contar a pintura, Nívea, não vou entender... está bem, fala. Sei, sei... Preto, é? Bichos?... Hum... Estou, mais ou menos... Não posso ir praí agora, Nívea, pra ver os quadros... Tenho que terminar uma matéria... Nívea... está bem... eu vou te buscar e vejo... vinte minutos... Tchau... (*Desliga. Tempo*) Afonso, termina isso aqui pra mim... fico te devendo uma lauda... (*Levanta e sai*)

*A luz esmorece. Abre em Cristóvão sentado na sala. Um tempo. Cota entra. Inchada de tanto chorar.*

COTA - A Lúcia está bem... chorou tanto, coitada. A enfermeira olhava espantada. Mas foi melhor. Ela sabe que é melhor. Não foi melhor? A gente chora que... (*Senta. Um tempo de silêncio*) Leu o suplemento hoje? Saiu uma poesia do Lúcio. Fui ontem no apartamento dele. É pequeno. Camisa no chão, uma torneira que não sai água, coitado... mas tem telefone agora. (*Tempo de silêncio*) Você não tem vontade de falar? Por quê? Não era melhor ir num médico? Sem falar assim?... Sabe, ontem foi polícia no 502. Que era jogo. Lembra que você dizia que tinha uma coisa esquisita? (*Tempo de silêncio*) Foi melhor pra Lúcia, não foi, Cristo? Imaginou, ter uma criança aqui, o trabalho?... Vou descer, o porteiro sabe de uma porção de coisas do 502... (*Tempo*) Não era melhor ver um médico? (*Silêncio. Cota sai. Um tempo longo. Cristóvão levanta-se. Vai até o quarto de Lúcia. Tempo. Olha longo tempo*)

CRISTÓVÃO - Se cobre, menina. (*Tempo. Volta a se sentar. Parado*)

*A luz esmorece. Nívea e Lúcio sentados. Parados. Jean-Luc anda. Fala.*

JEAN-LUC - Eu tenho um amigo imbecil que trabalha numa imobiliária. Se você me avisasse, ele arranjava um apartamento melhor pra você... Esse é uma merda... quanto você paga?

LÚCIO - Duzentos.

JEAN-LUC - Ah, mas tem telefone... Muito bem. Deixa eu tomar nota do número... se não é sua irmã, não conseguia teu endereço... encontrei com o Estelita... Você está no lugar dele no suplemento, não é?

LÚCIO - É.

- JEAN-LUC - Ele me disse... você vê que eu continuo sabendo das suas coisas... apesar de não ver você... nós fomos muito amigos, sabe, Nívea? Ele ficava na minha casa quando apavorava...
- NÍVEA - Lúcio me contou.
- LÚCIO - Não tenho te visto, Jean-Luc, que estou de trabalho que...
- JEAN-LUC - 27-8937... (*Toma nota*) Você já viu a peça do Bahia que estreou? Diz que é boa... Que a Suzana é a melhor atriz brasileira... conhece a Suzana?
- NÍVEA - Suzana... Suzana de quê?
- JEAN-LUC - É a grande paixão do Lúcio, não é?... Tenho lido o suplemento e... a gente morre de rir.
- NÍVEA - Não tem motivo pra rir.
- JEAN-LUC - Tem.
- NÍVEA - Não sei porquê. Nunca vi nada que tivesse tanta repercussão, Jean-Luc, você não acha?
- JEAN-LUC - Tem motivo pra rir paca. Ouvi dizer que depois dessa escultura que você fez, que se mexe sempre, você vai fazer uma que faz cocô, é verdade?
- NÍVEA - Que grosseria, Jean-Luc. (*Jean-Luc vê um cartaz*)
- JEAN-LUC - (*Lê*) Fome amarela, fome fome, fome céu. (*Tempo*) Vai pregar na rua?... Interessantíssimo... quem pagou os cartazes?... (*Silêncio*) Esse apartamento é mau iluminado, Lúcio... (*Longo tempo*) Que mais... (*Longo tempo. Levanta*) Vou embora que você ficou chato... posso levar um? (*Pega um cartaz*) Tchau.
- NÍVEA - Tchau, Jean-Luc.
- JEAN-LUC - (*A Lúcio*) Tchau.
- LÚCIO - Tchau. (*Jean-Luc sai. Tempo*)
- NÍVEA - (*Para o cartaz*) Ficou bom, não é? Eu aumentei esse espaço aqui, não é melhor? (*Tempo*) Você podia ter respondido pro Jean-Luc, não é, Lúcio?
- LÚCIO - Ele estava meio bêbado, Nívea.
- NÍVEA - Podia ter respondido.
- LÚCIO - Vem cá. (*Tempo*) Vem cá, Nívea. (*Nívea vem. Ele beija Nívea*) Jean-Luc não pode se provocar, viu? (*Beija Nívea. Beijam-se*)
- NÍVEA - Meu irmão quer te conhecer, Lúcio. Está estourando de alegria com o suplemento. (*Beijam-se*) Da próxima vez, responde, de qualquer jeito... (*Beijam-se*)

*A luz esmorece. Abre em Bandeira e Lúcio. Bandeira com cartazes e uma lata de cola na mão.*

- BANDEIRA - Estou cansado... meu braço, poxa... esse tapume é bonito, hein? De dia ele toma um sol...
- LÚCIO - Tapume genial. (*Riem. Bandeira se distancia*)

- BANDEIRA - Vem ver... (*Lúcio se afasta também*) Ficou bom o cartaz, Lúcio. (*Tempo*)  
Onde está a Nívea?
- LÚCIO - No carro, dormindo.
- BANDEIRA - Nívea, Nívea.
- NÍVEA - (*De fora*) Hein?
- BANDEIRA - De todos, esse tapume é a nossa obra-prima. Hein?
- NÍVEA - Lindo. (*Tempo*) Querem um sanduíche? (*Os dois olham o cartaz. Nívea entra com os sanduíches. Comem. Olham*)
- BANDEIRA - A cidade devia ser toda assim, Lúcio. Poesia nas paredes... Não está muito frio, não? (*Lúcio tira o casaco. Dá a Bandeira*)
- LÚCIO - Põe.
- BANDEIRA - E você?
- LÚCIO - Meu calor é de dentro... (*Riem*)
- BANDEIRA - Vamos pregar na Central.
- NÍVEA - Cinco horas da manhã, Bandeira.
- BANDEIRA - Central. (*Tempo*)
- NÍVEA - Está frio o sanduíche, não é?
- BANDEIRA - Nunca comi nada tão bom, Nívea. Hein, Lúcio?
- LÚCIO - É. (*Sorriem. Passa um sujeito. Olha o cartaz. Tempo*)
- SUJEITO - Rafa, Rafa, vem cá. Vem ver uma sacanagem. (*Entra um outro. Olham um tempo. Riem. Saem. Os três riem*)

*Abre em Cristóvão. Cota. Lê um jornal.*

- COTA - Os cartazes permaneceram pregados menos que o tempo normal... o povo ou ria ou rasgava. Mas criaram muita agitação na cidade. Consultado pela reportagem, o presidente da Academia declarou que isso ainda afastava mais o povo da poesia verdadeira que esses jovens negam. Já o escritor Rildo Pedrosa declarou que ontem a poesia brasileira atingiu sua dignidade universal. O escritor Otaviano Bahia declarou — pode-se ser insólito com o povo desde que se use os valores do povo, mas não quebrando suas tradições, seus costumes e seu senso de real. Otaviano Bahia, acha que é aquele Bahia...
- CRISTÓVÃO - Esse Bahia é um imbecil, Cota.
- COTA - (*Tempo*) Sabe? No 502 começou o jogo de novo. Que tem um comissário que é amigo da dona... (*Lúcio entra*) O Lúcio, filho... olha, Cristo, o Lúcio. Olha.
- LÚCIO - Como vai, pai?
- CRISTÓVÃO - Como vai? (*Tempo*) Não quer sentar? (*Lúcio senta*)
- LÚCIO - Estava passando... o senhor vai bem?
- CRISTÓVÃO - Me aposentei mesmo... de chinelo... a vida que queria de Deus... Está fazendo sucesso, hein, filho?

- LÚCIO - Não... Olha, mãe... (*Dá um dinheiro*)
- COTA - Não precisa, Lúcio.
- LÚCIO - Pra algum despesa extra aí...
- COTA - Não.
- LÚCIO - Por favor.
- COTA - Obrigada. (*Tempo*)
- CRISTÓVÃO - Sabe, Lúcio? Estava pra te procurar. Você deve ter muito trabalho e... o vizinho do 403 viu a Lúcia com um rapaz num bar... me descreveu o sujeito. Sabe quem é? O Estelita.
- COTA - O Estelita, não, a Lúcia.
- CRISTÓVÃO - É o Estelita, Lúcio.
- LÚCIO - Eles são amigos, pai.
- CRISTÓVÃO - Você acha, é.
- LÚCIO - É sim, pai. (*Tempo*)
- COTA - Quer tomar um copo de leite, filho? Você emagreceu de novo. Não acha, Cristo?
- CRISTÓVÃO - Mas é assim mesmo... (*Toca o telefone*) Eu tinha vinte e cinco anos e um mês emagrecia, outro engordava. (*Cota foi atender*) Quando eu fiz a reportagem do Rodrigues Alves tinha o quê? 53 quilos?... É. Magro assim.
- COTA - Telefone pra você, filho. Uma moça. Nívea.
- LÚCIO - Nívea? Como que ela sabe que eu estou aqui?... (*Lúcio vai atender. Cota volta. Olha Cristóvão. Os dois sorriem*)

*Abre no bar. Estão Jean-Luc, Estelita e Lucia. Jogam xadrez. Jean-Luc ruim.*

- JEAN-LUC - Eu disse pro Lúcio — pára antes da indignidade... eu disse.. Fui na casa dele, com telefone... 27-8937... me olhou com pena... aquele pobre coitado, sitiado, me olhando com pena... Cabe? Dei dinheiro pra ele, quantas vezes ficou na minha casa? Ele quer ser alguma coisa de qualquer jeito. Pra ter mulher, não entrar em fila, receber convite de avant-première... Humanidade filha da mãe que não confia nela mesmo... só tem confiança em eleitos... seu irmão é bonito, que mais? Um merda.
- ESTELITA - Sua vez de jogar, Jean.
- JEAN-LUC - Aqui que vocês são coletivistas. Aqui. Ó. Ó. Vocês não tem sede. Falta sede. Sabe o que é? De ver as coisas bem. Pega um cara do povo. Ele não quer ele bem. Ele quer as coisas bem. Sabe que é? Comunico que somos dois bilhões no mundo. Dois bilhões. (*Levanta*) Atenção, seus putos, uma comunicação — somos dois bilhões no mundo! Atenção!
- ESTELITA - Vá, Jean-Luc, vai... (*Puxa Jean-Luc*)
- Jena-Luc - Lúcio Paulo não sabe que somos dois bilhões. Dois bilhões, Lúcio.

Dois bilhões, Lúcio...

*A luz esmorece. Abre em Galhardo e Nívea. Os dois com copos na mão.*

GALHARDO - Nívea, minha querida, eu te amo, minha irmã. O rapaz é ótimo, mas eu me informei, ele é esquerdista.

NÍVEA - Que esquerdista, Galhardo. Você sabe muito bem o que é esquerdista. O Lúcio é moço, com gana. É o melhor copy-desk que você tem no jornal.

GALHARDO - Está bem, Nívea. Está bem. Você tem certeza que não é permitido eu casar com você? *(Nívea ri. Beija Galhardo)* Chama ele. *(Nívea vem até a ponta do palco. Chama. Um tempo. Lúcio entra)* Ah, o agitador. Eis o agitador. *(Cumprimentam-se. Tem um suplemento na mão)* Esse seu artigo sobre a Academia está terrível, Lúcio. *(Rz)* Muito engraçado. Veja lá onde você e o Bandeira vão me meter. Também sou escritor, quero terminar na Academia. Senta. Você é esquerdita, não é?

LÚCIO - Claro.

GALHARDO - Eu logo senti. O suplemento ia ser bem comportado, conspícuo. Você entrou, virou essa dinamite.

LÚCIO - O Bandeira é que quer assim. Eu só apoio.

GALHARDO - Claro. *(Rz)* Esse artigo sobre a Academia... isso vai dar pano pra manga... você é o copy-desk da página internacional também, não é?

LÚCIO - É.

GALHARDO - Claro que era você. Antes de ontem você me pôs uma mancheton: Estados Unidos recusam a paz.

LÚCIO - A notícia era essa e...

GALHARDO - A notícia não era bem essa. Não era bom. Mas não faz mal. Esquerdismo bem domado, fatura. Não é bom ficar só de um lado, não. Não sou hemiplégico, sou tipo universal — dois braços, duas pernas. É verdade que uma cabeça só, mas... eu tenho de ir embora. O que eu quero de você, Lúcio, é o seguinte — você é esquerdista, sabe que no nosso país os órgãos que decidem tudo estão fora de voto, fora da democracia — SUMOC, BNDE, Banco Central, Conselho disso, Conselho daquilo. Eu quero uma coluna aí. Dando notícia, falando, sondando. Trazer esse reino mais pra gente, não é? Dividir o reino da terra que o reino dos céus já está garantido que é pra todos... Uma coluna diária, você escreve do seu jeito largado. Fala de cinema, de teatro. As notícias de lá de cima eu dou pra você.

LÚCIO - Eu fico com teatro, cinema, e você fica com o Brasil.

GALHARDO - Preciso. Coluna assinada com o seu nome.

LÚCIO - Puxa, Lúcio. *(Silêncio)*

GALHARDO - Não vou fazer imprensa marrom não, Lúcio. O que você não quiser publicar, não publica. Com o tempo você sozinho pega a orientação da coisa. É pra evitar cambalacho e entrar nos cambalachos quando não se puder evitar. Hein? Começa hoje, amanhã, ontem? *(Tempo)*

Preciso de você, moço, você é um bom jornalista... pode dar uma notícia esquerdista por semana... (*Riem. Levanta o copo*) Saúde.

LÚCIO - Saúde.

GALHARDO - (*Bebe de um gole*) Tenho de ir embora. (*Dá a mão*) O preço disso você combina amanhã. (*Sai. Tempo*)

NÍVEA - A primeira notícia é a minha exposição em Buenos Aires.

LÚCIO - É. Acho que é.

NÍVEA - Saúde.

*A luz esmorece. Abre em Lúcio na redação. No telefone.*

LÚCIO - Quando é o lançamento do seu livro, Doralice. Dou mil notas, claro. Vou. Vamos jantar depois, está bem... Tchau. (*Toma nota. Disca um número*) Dona Rejane Lima, sim? Dona Rejane? Quem está falando é Lúcio Bastos Seabra. A senhora vai bem? E o resfriado? Já tem data da avant-première, dona Rejane? 22. Benefício de... padre, dona Rejane... Viu a nota ontem? Qualquer coisa me avise... Até logo, dona Rejane... (*Toma nota. Escreve. Entra um sujeito*) Sabe que a mulher do adido cultural da Itália toca cello excepcionalmente?

SUJEITO - Tudo isso pra publicar amanhã. Esses convites são pra você.

LÚCIO - (*Bandeira entra. Fica perto deles*) Vou ficar sem coluna.

SUJEITO - Que o Banco de Desenvolvimento está dando crédito pra tudo quanto é pequena empresa que só faz fazer inflação. É uma jogada desse Eurico Pontes, do Conselho, que quer ser candidato.

BANDEIRA - Quero falar com você, Lúcio.

LÚCIO - É um minuto. Desço a lenha no Eurico Pontes. Quem mais entra?

SUJEITO - Esse aí. Que vai ser nomeado pro Instituto do Sal. Mas é um pulha. E esse aí. Esse é pra dar força. Que tem que ir pro Tribunal de Recursos.

LÚCIO - Pô, vou ficar sem coluna. (*Sujeito dá de ombros. Sai. Lúcio lê. Escreve. Bandeira espera*) Um segundo. (*Escreve*) Lá se foi a mulher do adido cultural. Tem que promover um recital da mulher, Bandeira... (*Escreve. Termina*) Manda.

BANDEIRA - Eu queria saber da entrevista com os arquitetos.

LÚCIO - Bandeira. Esqueci.

BANDEIRA - Estão todos aí no Congresso, depois viajam.

LÚCIO - Me dá de chicote, Bandeira. Esqueci.

BANDEIRA - Também tinha uma matéria do Suller Souto sobre o Mayakovski, prometi que ia sair. Não saiu. O suplemento saiu com cinco gravuras, essa poesia que já foi publicada...

LÚCIO - Eu disse, Bandeira, não dou pra isso... Perdão.

BANDEIRA - Olha. Vou escrever uma série de artigos sobre a Academia. Esse é o primeiro.

- LÚCIO - Genial.
- BANDEIRA - Olha mais. Isso é dum sujeito chamado Otaviano Bahia. Que estreou um teatro e que é bom. Mandou um artigo. É contra a gente mas é bom. Publica, viu? *(Bandeira sai. Lúcio olha o artigo. Põe numa gaveta. Pega o telefone)*
- LÚCIO - Me dá uma linha, minha filha...

*A luz esmorece. Abre no pai, Cota, Lúcia e Nívea vestida a rigor. Cota anda pelo apartamento, olhando. Lúcia inerte num canto. Cristóvão fala com Nívea.*

- CRISTÓVÃO - Eu não aceitei a indicação pro Conselho por isso. Sabe como é que fazem? *(Fala pra ser ouvido dentro)* Está ouvindo Lúcio? Um deputado arranja pra pôr uma escola no bairro dele, compreende? Em troca de um voto pro governo. Então aparece escola como sarampo.

COTA - Consertou a torneira do banheiro, não é, filho?

- CRISTÓVÃO - E os meninos vão pra escola, com fome, o pai em casa não sabe ler, a mãe prostituta. Vão na escola pra comer, entende? A merenda. *(Lúcio entra. De smoking)*

COTA - Que geladeira bonita, Lúcio. Onde você comprou?

- CRISTÓVÃO - Espera aí, Cota, estou falando com ele. Ele vai publicar isso. Não vai? Então o menino vai à escola por causa da merenda e o Conselho diz que o aproveitamento é bom. Compreende?

LÚCIO - Claro.

LÚCIA - Vamos embora, pai, oito horas, eles tem que ir no Municipal.

- CRISTÓVÃO - Mas isso é uma notícia, espera aí! É um escândalo. Jornal é escândalo, Lúcio. Siga meu conselho. O primeiro escândalo em jornal quem fez fui eu, sabia?

NÍVEA - Não.

CRISTÓVÃO - Lúcio não contou?

LÚCIO - Pai.

- CRISTÓVÃO - Espera. *(Toca a campainha. Lúcio vai atender)* O Rodrigues Alves foi eleito presidente. Mas ele estava morrendo em Guaratinguetá...

*Cristóvão conta sua história. Mais baixo. Lúcio abre a porta. É Jean-Luc. Ruim.*

JEAN-LUC - Oi, Lúcio, oi, oi.

LÚCIO - Oi, Jean-Luc.

JEAN-LUC - *(Pega Lúcio)* Vem, vem.

LÚCIO - Quê?...

JEAN-LUC - Uma festa. Vem. Em Santa Tereza. Uma festa louco, seu. Vem. Tem uns dinamarqueses. Vem.

LÚCIO - Não, Jean-Luc...

JEAN-LUC - Pô, vem, rapaz, faz três meses que a gente não se vê. Vem.

- LÚCIO - Não posso. Meu pai está aí, agora ele vem sempre aqui e... Tenho que sair...
- JEAN-LUC - Tem uns dinamarqueses, rapaz. Vem. Faz três meses que não te vejo... *(Puxa Lúcio)*
- LÚCIO - Jean...
- JEAN-LUC - Dinamarqueses, rapaz. Em Santa Tereza. Aquela merda de bondinho, vem.
- LÚCIO - Não posso, Jean-Luc. *(Se desfaz de Jean-Luc. Tempo)*
- JEAN-LUC - Não vai ver os dinamarqueses? Eu avisei, hein?... Dinamarqueses... não vai ver... *(Pausa)* Um dia desses me lembrei da bolsa da velha que você roubou... *(Pausa)* Vem... *(Vai saindo)* Vamos lá... Em Santa Tereza... uns dinamarqueses... Vem... *(Sai. Lúcio fica parado um pouco. Cristóvão fala. A luz esmorece)*

*Abre. Suzana está sentada. Toma um chope. Tempo. Lúcio entra.*

- LÚCIO - Oi.
- SUZANA - Como vai?
- LÚCIO - Bem. Desculpe o atraso, eu... *(Tempo)* Como vai?
- SUZANA - Bem.
- LÚCIO - Eu tenho lido. Está fazendo sucesso.
- SUZANA - É. Não viu a peça ainda?
- LÚCIO - Não tenho tido tempo e... *(Tempo longo)*
- SUZANA - Por que você marcou encontro comigo aqui? Pra seus amigos me verem com você?
- LÚCIO - Pra te ver... Está bonita paca... Eu te amo, fazer o quê?
- SUZANA - Por que é que seu suplemento não publicou o artigo do Bahia?
- LÚCIO - Artigo do Bahia... a gente não recebeu, não... *(Tempo)* Se você continua assim zangada, por que é que você veio?
- SUZANA - *(Dá de ombros)* Pra me vingar...
- LÚCIO - Se vinga não. Eu ando meio... você tem lido a minha coluna? Todo dia eu promovo um livro político e... Já dei quatro notas sobre o aumento dos remédios... andam querendo acabar com a lei do cinema brasileiro, você sabia? Deputado Licínio Bastos... um... jornal é diferente, é... claro que você sabia que jornal é diferente. Vocês me largaram como se eu fosse um... um desertor... isso me come, Suzana. Não sei escrever pra teatro, não sou ator... As manchetes da página internacional sou eu que dou...
- SUZANA - Acho que a gente não é só o que faz, Lúcio. É também o que não faz.
- LÚCIO - Não mudei de idéia, não... lá no jornal sou esquerdita, aqui sou... me sinto um degredado, um...
- SUZANA - Se sente, Lúcio?

- LÚCIO - Ah, vá à merda, Suzana. (*Suzana sorri. Põe a mão na mão de Lúcio. Um tempo. Entra Bahia*)
- BAHIA - Vai ficar com a minha mulher de novo? (*Riem. Lúcio se levanta. Se abraçam*) Está gordo, bonito, elegante, ainda não está cheiroso, não usa abotoadura. Está ótimo.
- LÚCIO - Esse casaco ainda, Bahia. Você não está ganhando dinheiro? Compre outro casaco. (*Riem*) Estou aqui me defendendo, hein? O noticiário internacional é meu. Aquele suplemento louco eu faço que...
- BAHIA - Louco nada, mestre. O suplemento é bom. Aquele Bandeira é muito bom. Aprendi à beça. Vê se publica meu artigo lá.
- LÚCIO - Suzana falou, vou procurar ele, publico, claro.
- BAHIA - Vou levar a mulher embora que a gente está em cima da hora. Tchau, Lúcio. Aparece. (*Se abraçam forte. Tempo*)
- LÚCIO - Aparece sempre, hein? Tchau. (*Os dois saem. Lúcio fica. Sorri*)

*A luz esmorece. Abre em Galhardo que anda de um lado para o outro. Nívea e Lúcio.*

- GALHARDO - Você escreveu um artigo sobre a Academia. Bastava. Já deu balbúrdia suficiente. Agora o Bandeira me escreve cinco artigos sobre a Academia! Eu disse pra não sair nem o primeiro, Lúcio!
- LÚCIO - Eu segurei, ele insistiu... Eu disse pra você falar com ele. Você não falou, eu não vou falar... os artigos são ótimos.
- GALHARDO - Mas eu quero entrar pra Academia, Lúcio. Eu sei que aquilo é uma besteira mas eu quero ser acadêmico. Sabe por quê? Porque eu quero fazer um jornal pelo menos honesto... um mínimo de honestidade... então eu preciso ter dinheiro, compreende, preciso ter prestígio, ser imortal, cidadão carioca, doutor honoris causa, rei momo, tudo... mas eu vou ganhar dinheiro e aguentar qualquer pressão. Vou fazer as coisas acontecerem, não publico o que aconteceu, não! O segundo artigo do Bandeira, não sai. Conversei com ele. Agora você fala. Ele vem de novo falar comigo às sete horas...
- LÚCIO - Não vai adiantar, Galhardo.
- GALHARDO - De pleno acordo. E é você quem vai dirigir o suplemento, pelo menos uns números, até acabar sossegado...
- LÚCIO - Pô, Galhardo, Bandeira me trouxe pra cá. Se ele sair saio com ele. Isso não se faz com o Bandeira. Saio. Qualquer jornal me quer.

*A luz esmorece. Lúcia e Nívea estão de pé. Esperando. Um tempo longo. Bandeira sai.*

- LÚCIO - Como é que foi?
- BANDEIRA - Eu concordei. Não vou publicar mais nenhum artigo sobre a Academia. Posso publicar em outro lugar.
- LÚCIO - Então, está tudo certo.
- BANDEIRA - Não. Ele pediu uma retificação.
- LÚCIO - Retificação?

- BANDEIRA - Uma espécie de retificação... algumas palavras boas para a Academia... Eu me demiti. (*Silêncio. Bandeira começa a pegar suas coisas. Um tempo longo. Olha Lúcio. Lúcio quieto*) Você vai ficar?
- LÚCIO - (*Longo tempo. Não diz nada*)
- NÍVEA - A gente precisa aceitar algumas coisas, Bandeira...
- BANDEIRA - (*Tempo*) Algumas... (*Bandeira pega suas últimas coisas. Sai. Os dois quietos. A luz esmorece. Todo o elenco entrando no palco. Estelita e Lúcia. Olha por uma porta. Um guarda na porta. Um corpo coberto por um lençol*)
- VOZES - Que coisa! — Meu Deus. — Quando foi? — De manhã, parece que sete horas da manhã... — Ele está nu? (*Lúcio entra. Lúcia vem para ele. Se abraçam. Estelita vem*)
- LÚCIO - É verdade?
- ESTELITA - É. A empregada encontrou ele às sete horas da manhã. Tomou dois tubos Nubertal. (*As pessoas vão saindo. Falam. Lúcio vai olhar. Fica olhando. Estelita se aproxima*) Ele deixou esse bilhete pra você. (*Lê no envelope*) Só pro Lúcio. (*Lúcio abre. Lê. Não diz nada. Fica olhando pela a porta. Aterrado. Estelita pega o bilhete. Vem para Lúcia. Lê*) Lúcio, avise os meus amigos em geral que não vou pra Cabo Frio neste fim de semana, conforme o combinado. Acabo de pedir pinico, Jean-Luc. (*Os dois parados. Se afastam lentos. Lúcio parado. Um tempo enorme. Aterrado. O guarda na porta. A luz esmorece*)

*Galhardo e Lúcio. Galhardo de robe de chambre. Copo de whisky.*

- LÚCIO - Não quero, Galhardo. Não quero. Sai prá lá.
- GALHARDO - Você faz dois, três números, ganha dois milhões, três milhões.
- LÚCIO - Quem é que está dando o dinheiro pra isso?
- GALHARDO - Não interessa. É uma revista mensal anticomunista. Se você não aceitar, não faz mal, não tiro a sua coluna, não deixo de ser fiador, continuo a dizer bom-dia...
- LÚCIO - É claro. É claro que não aceito. Não admito nem essa proposta!
- GALHARDO - Eles querem uma coisa boa. Sai a revista e aí você da uma nota na sua coluna contra a revista. Ninguém diz que é você. E põe dinheiro no bolso, Lúcio. Independência. Da próxima, não precisa aceitar. Precisa engolir cada vez menos. Vocês detestam que se diga que as coisas são assim. Mas são! Precisa admitir tudo se quer mudar alguma coisa. Eu estou pondo meu dinheiro na revista. Estou. Tem dinheiro meu nessa nojeira. Mas eu vou importar uma rotativa, sem cobertura cambial... quando eu tiver tudo meu, quero ver...
- LÚCIO - Até amanhã, Galhardo.
- GALHARDO - Pensa, Lúcio.
- LÚCIO - Mas nem pensar.
- GALHARDO - Vai pra casa e pensa. Eu disse pra eles que ia conversar com você.
- LÚCIO - Pô, Galhardo, isso se faz? Disse meu nome?

GALHARDO - Tenho tempo. Pensa. É melhor fazer anticomunismo num pasquinzinho do que ter de fazer no meu jornal, não é? Eu sei que isso não se pede pra amigo... mas se pede pra quem? Não posso chamar qualquer um... precisa ser um profissional bom... eles podem arranjar um outro mas era melhor que eu arranjasse a pessoa... (*Longa pausa*) Desculpe... faz o que você decidir... mas pensa, por favor... (*Lúcio saindo*) Olha. O material da revista... (*Lúcio pega e sai*)

*A luz escurece. Abre em Cristóvão, Cota, Nívea. Lúcio mais afastado com o material na sua frente; Lúcia parada, inerte.*

CRISTÓVÃO - Então, eu descobri o seguinte. Falta água às terças e quintas, não é, Cota?

COTA - É.

CRISTÓVÃO - Três semanas. Terças e quintas. Sabe por quê? Terças e quintas é um manobreiro, nos outros dias é outro. Ele desvia água pra Constante Ramos. Pagam pra ele. Tem um deputado federal.

NÍVEA - Veja o senhor.

CRISTÓVÃO - Terças e quintas. O nome do manobreiro, Lúcio, é Serafim José Vergueiro. Você publica isso, Lúcio. É um absurdo, não é? Eu descobri. Serafim José Vergueiro. Vou escrever num papelzinho pra você, quer, Lúcio? Tem um papelzinho, filho?... (*Lúcio sai num rompante. Cristóvão não entende. Nívea sai atrás*) Será que ele foi embora? Não disse até logo, disse?

COTA - Sabe o que a Lúcia disse, Cristóvão? Que o Estelita desapareceu. Faz três semanas...

CRISTÓVÃO - Será que ele se matou também? (*A luz esmorece neles. Abre em Nívea que alcança Lúcio*)

NÍVEA - Onde você vai?

LÚCIO - Por favor, Nívea. Me dá sossego. Você também todo dia metida na minha casa. Meu pai... fica um pouco com teu marido, por favor, Nívea, me deixa em paz. Você não ia fazer um exposição em Buenos Aires, pô?

NÍVEA - Ninguém fala assim comigo. (*Nívea sai. Tempo*)

LÚCIO - Nívea... Nívea... Nívea meu amor... (*Um tempo. A luz esmorece*)

*Abre numa reunião do grupo. Estão todos juntos de novo. Menos Jorge (Um). Lúcio, meio bêbado, entre eles.*

BAHIA - Eu sou contra. Acho que essa greve dos estudantes é uma porralouquice.

DOIS - Mas a greve existe, Bahia, todo mundo entrou no Brasil inteiro.

LÚCIO - É verdade. Lá no jornal eu soube. Os estudantes do Brasil inteiro entr...

BAHIA - Espera um pouco. Lúcio, o Nicola está falando...

- DOIS - Os estudantes querem fazer uma concentração na Cinelândia e querem uma peça nossa explicando a greve deles. A gente não pode falhar. Todos os Diretórios vendem entrada pro nosso teatro. A greve está na rua. Agora é apoiar. Não tem dúvida, não. Ele disse tudo e...
- DOIS - A concentração não tem autorização da polícia.
- LÚCIO - Isso. Confirmado. Lá no jornal chegou um ofício da Secretaria de Segurança e...
- BAHIA - Lúcio, espera...
- LÚCIO - Não, Bahia, não tem autorização da polícia. Eu confirmo.
- BAHIA - Está bem. Obrigado. É o seguinte — nós temos um teatro funcionando. Vamos pra Cinelândia, prum troço proibido? Nosso teatro pode sofrer com isso... essa greve é de nível muito alto... querer estudante também dirigindo a faculdade é objetivo ainda, não dá pra conseguir agora...
- SUZANA - Você fala, Bahia, como se ainda houvesse alternativa. A greve está aí.
- LÚCIO - Já está tudo em movimento. Tem de apoiar. A polícia não deixou. Mas tem de apoiar o que já tá em movimento. Essa é minha opinião. Chegou um ofício da Secretaria de Segurança lá no jornal...
- BAHIA - Lúcio, você veio aqui, é ótimo mas... é melhor que só gente do grupo fale, viu, que...
- LÚCIO - Eu sou do grupo. Sou fundador. Voltei pra cá. Acho que tem de ir. Lá no jornal chegou um...
- BAHIA - Espera um pouco. Lúcio...
- TRÊS - É difícil. Difícil decidir.
- SUZANA - Eu tenho uma alternativa — a gente vai pra lá, mas faz a peça só com quem não é conhecido. Não se apresenta como grupo. Aí não complica e a gente vai...
- TRÊS - É. Não é ruim, não...
- LÚCIO - Tem de ir com o nome, senão é o mesmo que não ir...
- BAHIA - Espera, Lúcio, pô...
- SUZANA - A sua opinião, Bahia?
- BAHIA - Não sei. Não consigo saber.
- DOIS - Tem outro jeito não. Vamos lá, com polícia e tudo.
- LÚCIO - Isso. Vamos lá. Assim. Vamos lá. *(As pessoas se levantam. Se arrumam)* Sabe o que é, Bahia? Viu, Suzana? Eu pensei... o que falta muito na esquerda brasileira é o momento... perceber — é agora! Sabe? O risco do fósforo... a gente tem paciência demais... Hein? Não, fala o que você acha... *(A luz apaga. Sirene forte de polícia entra. Um tempo de escuridão. Abre. Lúcio entra na sua casa. Suado. Correndo. Vai como um autômato para a sua cama. Cai. Um tempo longo. Meio chora. Estendido. Nívea aparece. A sirene sumiu de todo)*

- NÍVEA - Demorou pra voltar...
- LÚCIO - Nívea... Nívea...
- NÍVEA - Que foi?
- LÚCIO - Eu amo a Suzana, estava com ela, aí eles vieram com a cavalaria... cavalaria no asfalto... eu amo a Suzana... não sei onde estava o Bahia. Onde é que ele estava?... Suzana segurou na minha mão... Nicola pegou uma mesa de bar e atirou em cima do cavalo... os copos caíram... eu vinha com a Suzana... mas eles iam cercar a praça... eu vi que iam cercar a praça... eu larguei a mão da Suzana e comecei a correr... e ficando gelado... a garganta seca... o ar começa a passar difícil... o ar gruda na garganta... essa greve é de nível muito alto... não está certo... me deu ânsia de vômito... eu deixei a Suzana... entra um frio, de gelo, uma dormência... todo mundo tem medo... quem não tem medo, hein? quem...? o ar gruda na garganta... na reunião eu falava por falar, não era nada daquilo... entrei num taxi... estou me sentindo mal... quero ficar quieto... preciso ficar quieto... (*Longo silêncio. Toca o telefone. Nívea levanta*) Não atende, não... deixa tocar... (*O telefone toca. Toca. Nívea vai atender*) Não atende... não... (*Nívea atende*)
- NÍVEA - (*Um tempo*) É o meu irmão. Quer falar com você... (*Longo silêncio*) Ele quer saber o que você decidiu. Precisa de uma resposta. (*Lúcio parado. Quase hirto. Um longo tempo. Nívea se aproxima*) Que você tem, Lúcio?
- LÚCIO - Nada... eu vou pra casa do Jean-Luc... daqui a pouco meu pai vem aqui e... eu vou pra casa do Jean-Luc... Não sei... diz que eu não estou, Nívea... pelo amor de Deus, diz que eu não estou... não estou... (*Longo silêncio. Nívea parada. Olha fria. Lúcio hirto*)

FIM DA TERCEIRA PARTE

6 de junho de 1965.

# APÊNDICE

---

## MOÇO EM ESTADO DE SÍTIO

Prêmios: Molière (Póstumo, em 1981).